Aveiro, 21 de Novembro de 1964 • Ano XI • N.º 524

Litoral

SEMANÁRIO

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO ★ ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS
PROPRIETÁRIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS ★ REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: EM «A LUSITÂNIA», R. DE HOMEM CRISTO — TEL. 23886 — AVEIRO

A 20 ANOS DA MORTE DO COMANDANTE
ROCHA E CUNHA
EVOCAÇÃO DE EDUARDO CERQUEIRA

Li um destes dias, no livro mais recente de Miguel Torga — de quem sempre se colhem, a par do encantamento estético, revelações e sugestões estimuladoras — que a natureza humana é assim: «Não esquece os mortos; deixa, simplesmente, de os lembrar...» Todos os dias, na verdade, estamos cometendo essa traição, mesmo com os mortos de que guardamos mais funda e estável, mais grata e viva memória.

Eu, há uma vintena de dias, tinha um morto de que não me esqueço, para lembrar. E não o lembrei no dia que mais me parecia ajustado, naquele de que, de certo modo, transcorria uma obrigação e a consciência me apontava como o mais próprio e significativo. E não foi, realmente, de esquecimento a minha falta. Trai e trai-me, por não lembrar, no oportuno ensejo, o que não esqueci.

Fez vinte anos, logo a seguir ao dia de finados, que morreu o Comandante Silvério da Rocha e Cunha. Esse dia lutuoso, para mim não é pròpriamente passado. Gravou-se-me na retentiva, com tamanha fundura, com tal pormenor e nitidez, conservou-se tão à tona da minha memória que permaneceu por assim dizer, como uma constante do meu presente.

Aqui há mais de um quarto de século, eu adquirira o hábito — e o gosto e o proveito — de me encontrar, quase todos os dias e quase à mesma hora, com o Comandante Rocha e Cunha.

Atentamente, numa atitude de voluntária e opetente discência, ouvia-o discretear em serena e penetrante lucidez sobre temas que me eram menos familiares, narrar episódios de viagens através de quatro continentes, descrever paisagens e monumentos, bosquejar costumes. Ouvia-o extrair lições dos factos históricos ou de correntes e interpretá-los com invulgar clarividência; dar a medida dos homens e dos acontecimentos com espírito crítico escorreito e desapaixonado; enunciar problemas e propor-lhe solução.

Aliás, esse homem de exemplar dignidade era em si mesmo uma lição. Tolerante mas firme, compreensivo e íntegro, sòlidamente alicerçado nas suas convicções, mas permeável à razão alheia, observador perspicaz, estudioso de incansável curiosidade e aplicação, democrata que poderia tomar-se como paradigma, Rocha e Cunha, servido por uma memória arrumada e pronta, era um conversador fluente e elegante, com uma variadíssima gama de temas e atraía por uma cativante afabidade. Possuía a arte cada vez mais rara da conversa e, com extrema delicadeza, sabia dar a sensação de que figurava como interlocutor aquele mesmo que,, como eu, pràticamente apenas escutava.

Nessa derradeira tarde, que prolongou até além do habitual, depois de uma mais demorada e animada cavaqueira no café com amigos aperecidos acidentalmente, os prenúncios dum poente outonal, rubro e deslumbrador atraíam-no até ao Rocio. Acompanhavam-no

Continua na página 7

Alguns problemas da
RIA DE AVEIRO
Considerações do DR. FRANCISCO DO VALE GUIMARÃES

O «Diário de Lisboa» de 12 do corrente publicou o oportuno artigo que, com a devida vénia, adiante se reproduz

A RIA E O TURISMO

DÁDIVA maravilhosa do Criador, reune a Ria de Aveiro condições raras para ser, se os homens quiserem e sem que tenham de despender somas astronómicas, fonte inesgotável de sedução turística. Ela oferece o espectáculo soberbo dos moliceiros e salineiros, velas pandas, cruzando-a em todas as direcções; o panorama variado e rico que se disfruta sobretudo da margem poente, de Mira ao Furadouro, profusa de matas frondosas a tocarem a Ria e o Mar, em que sobressai, ao fundo, a serrania que se estende da Freita ao Caramulo e Buçaco, em violento contraste com a planície aveirense; os cambiantes de luz e de cor e a suavidade, únicos na Ria, com suas marinhas nacaradas de sal a emergirem das águas; o pitoresco das actividades em terra e na água.

A natureza, pródiga, pôs assim nas mãos dos homens tesouro para eles explorarem com engenho e arte e pouco dinheiro.

O ABANDONO A QUE ESTEVE VOTADA

Os governantes, apesar disso, esqueceram-na durante longas, infindáveis décadas. Três quartos de século. Não por culpa das élites nascidas nas terras ribeirinhas, as mesmas que na pia baptismal provaram do seu sal, dela

Continua na página 3

CIVISMO!...
ARTIGO DE M. D.

NESTA coisa, à primeira vista banal, de se conhecer uma língua, para se poderem dar cartas nela, depois de bem baralhadas, os dicionários podem ser um auxiliar de largo porte, mas nem sempre são de grande alcance, porque, se a gente não tem bagagem, eles pouco nos mostram. E, então, tornamo-nos assim uma espécie turista em região onde só olhos grandes conseguem vislumbrar encantos aos milhares e belezas às centenas! Em certas circunstâncias, manusear um dicionário é — mutatis mutandis — *a mesma coisa que não saber, mas bem, a escrituração, e encontrarmo-nos em frente de um lançamento complicado, p. e., da chamada quarta fórmula, sem sabermos o que há de figurar no activo e o que é passivo, ou não saber distinguir a mão esquerda da mão direita, que, nosso caso, serão do «deve» e o «haver»!...*

Por curiosidade, levanto-me nesta altura, a consultá-los. A' frente de «civismo» — isto em, pelo menos, três línguas — encontro: «zelo, dedicação à pátria, devoção pelo interesse público, patriotismo», e nada mais. Depois disto, digo de mim para comigo: não me valeu a pena tal trabalho, porque nada disto me satisfaz, ou antes, nem, tudo junto, chega a satisfazer-me, porque civismo é isto tudo, e muito mais, mesmo, muitíssimo mais!... Civismo é tudo quanto possa urdir-se à volta do termo civis. E a primeira palavra — se não preferirmos pensamento — que nasceu do termo civis foi a cidade, que é como quem diz a urbe, em relação aos seus habitantes, ou cidadãos. Que o cidadão não era, in illo tempore, *senão o habitante da cidade, e não aquele indivíduo.*

Continua na página 2

Foi prestado justíssimo preito à memória do
DR. SOARES MACHADO

Na sede do Dispensário de Higiene Maternal e Infantil («Gota de Leite»), realizou-se no último sábado a anunciada sessão de homenagem à memória do saudoso médico Dr. Alberto Soares Machado, que foi um dos fundadores da benemérita instituição e, durante trinta e dois anos, o seu devotadíssimo director clínico.

A' sessão, que comemorava a passagem do primeiro aniversário do falecimento daquele ilustre médico-cirurgião aveirense, assistiram numerosas pessoas de todas as condições sociais, entre elas se destacando muitos médicos e uma representação da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro, de que é primeiro Comandante o sr. Carlos Alberto da Cunha Soares Machado, filho do preiteado. Presidiu o sr. Dr. Manuel Louzada, Governador Civil de Aveiro, ladeado pelos srs.: Eng.º Henrique de Mascarenhas, Presidente da Câmara Municipal; Dr. Gabriel Teixeira de Faria e Dr. A'lvaro Sampaio, respectivamente Director Clínico e Presidente da Direcção da «Gota de Leite»; e Carlos Alberto da Cunha Soares Machado, pela família do homenageado.

O sr. Dr. A'lvaro Sampaio falou, em primeiro lugar. Apontou o que tem sido a vida da «Gota de Leite», desde a sua criação, assinalando os serviços que tem prestado à população necessitada; e, depois, salientou a personalidade do sr. Dr. Soares Machado, a forma dedicada como exercia a sua profissão, a generosidade com que atendia e socorria os pobres, os seus dotes de carácter e o carinho e entusiasmo que sempre dedicou àquela benemerenta instituição, de que foi fundador.

Procedeu depois ao descerramento do retrato do homenageado o estu-

Continua na página 5

O estudante António Manuel, neto do saudoso preiteado, descerrando o retrato de seu avô

A conferência de
TOMÁS ALCAIDE

CAUSOU compreensível entusiasmo em Aveiro a notícia, dada no último número no *Litoral*, de que Tomás Alcaide estará entre nós no próximo dia 30 para proferir uma conferência subordinada ao título «A Arte de Cantar».

Com efeito, o insigne Artista acedeu gentilmente a um convite que o nosso jornal lhe dirigiu em tempo opor-

Continua na página 2

CIVISMO

Continuação da primeira página

ou termo, que a revolução de 89 criou, para dar foros de gente ao homem, fosse ele estadista ou aldeão. E, por sua vez, o 89 também não é, restritamente, aquilo que muita gente supõe! É, sim, uma coisa muito mais transcendente e lata, porque é a razão de ser da Idade Contemporânea, caracterizada pela passagem do regimen absoluto para o regimen constitucional, e a porta aberta à formação de muitos dos estados modernos da Europa.

Temos, então, que civismo, civilidade, cidadão e mil e um termos compostos, derivados e afins, tudo isto, in limine, *assenta no civis. E tudo quanto, em civilização, possa imaginar-se, a reger os actos do homem civilizado, a submeter-se ele a determinados princípios que podem cifrar-se em «não faças ao teu semelhante aquilo que não quererias que te fizessem», e muitas coisas mais, tudo não é mais que civismo, e não servilismo, que isso é outra coisa, e até é feia, por sinal.*

Vem-me agora à mente, a propósito, um facto que eu presenciei, aqui há dezenas de anos já, em um pequeno grande-país da Europa Central: assistia eu, por mero acaso transeúntico, *a uma manifestação liberal, com todas as exibições possíveis. Sem que visse como, e nem porquê, de uma transversal que vinha dar à avenida em que esta se ia desenrolando, surge outra manifestação, não menos grandiosa, mas católica, soube-o ali mesmo, por um condiscípulo. Supus, num instante, que, ali na avenida, ia haver, como soe dizer-se, mosquitos por cordas! Pois o meu espanto atingiu o rubro cereja, ao verificar que os dois tipos de manifestantes, ao passarem um pelo outro, se calaram, baixaram todos os seus pendões, e, só lá mais adiante, continuaram a manifestar-se ruidosamente, cada um para seu lado. E eu, boquiaberto, não me tive que não observasse, para o meu companheiro:* mais quelle leçon de civisme!...

Assim, e continuando na mesma ordem de ideias, há muitos actos, factos e mesmo princípios que eu, in mente, *não acato. Mas não os ataco, quando o meu civismo me indica que o não devo fazer. Outras vezes, até traduzo, à minha maneira, muitas coisas que, para outros, assim não são. Aí vai um exemplo: eu tenho ouvido, e lido, muitas vezes, a frase:* «Deus in adjutorium meum intende». *E querem saber como, as mais das vezes, traduzo isto, cá para mim, está bem de ver? Assim: Deus me dê gente com quem eu me entenda! E fui buscar o exemplo ao* latinório, *porque o latim, que foi corrido a pontapés, dos liceus, e tanta falta faz, pelo menos em todo o ensino onde se ministre, a par, o português, ainda é uma rica coisa para a gente não só conhecer a nossa língua, mas as suas irmãs colossas, e serve, até, não raro, para a gente poder dizer a um amigo qualquer coisa que se assemelhe, p.e a isto: ora limpa-te a este guardanapo!*

Que eu desejo sempre que seja bemaventurado todo aquele que me critica, não porque espero que dele venha a ser o reino dos céus, mas porque me obriga, ou a estar de pé atrás, ou a tornar-me mais perfeito, mais útil, ou mais digno, como desejo que seja bemaventurado todo aquele que me avisa de que não tenho, a bordo, nem a bússola, nem o sextante, porque esse, me faz voltar atrás, a buscá-los, ou para continuar, ou para levar a bom termo a viagem!

Mas... paremos por aqui, ainda que não tenhamos senão chegado ao limiar da vastidão oceânica do assunto, e peroremos, para não ir mais longe: se eu tivesse um dicionário meu, o que acrescentaria, ao que fica dito, que bem pouco é, na verdade? Apenas isto, mais ou menos: civismo — boa educação, respeito mútuo, entre os homens, sem esquecer os animais, e até as próprias coisas; compreensão e perdão; amor a tudo e a todos, ainda os mais pequeninos e inferiores, até porque... tudo nos pode ser útil; saber temperar a alma, até que ela se torne tão grande, que nela tudo caiba, e ninguém de lá se exclua.

E estou convencido de que nunca me arrependeria de ter dado ao termo civismo a latitude que, infelizmente, nenhum dicionarista lhe atribui, isto para que todos os curiosos de saber não ficassem quasi in alvis, *ao consultá-los!*

M. D.

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Primeiro Cartório

Certifica-se, para efeitos de publicação, que por escritura de onze de Novembro de mil novecentos e sessenta e quatro, lavrada de folhas quarenta e duas, verso, a folhas quarenta e quatro, do Livro quatrocentos vinte e dois-A-para escrituras diversas do arquivo deste Cartório Notarial de Aveiro, a cargo do Notário Dr. Joaquim Tavares da Silveira, foi constituida uma sociedade entre Severim Duarte e António Pereira dos Santos, nos termos dos artigos seguintes:

1.º

Esta sociedade adopta a denominação de «*Somagril — Sociedade de Material e Equipamento Agrícola e Industrial, Limitada*»; e fica com a sua sede nesta cidade de Aveiro;

2.º

A sua duração é por tempo indeterminado, a contar de hoje;

3.º

O seu objecto é o comércio de Representações e de conta própria, respectivo a material e Equipamento Agrícola e Industrial, e qualquer outro que resolva explorar;

4.º

O capital social é do montante de noventa mil escudos, dividido em duas quotas, sendo uma de sessenta mil escudos subscrita pelo sócio Severim Duarte, e outra de trinta mil escudos subscrita pelo sócio António Pereira dos Santos; e acha-se todo realizado já, em dinheiro;

5.º

Sem prejuizo do disposto no Parágrafo Único deste artigo, a cessão de quotas fica dependente do consentimento da Sociedade, — a qual terá sempre, também, o direito de preferência na sua aquisição, tendo-o ainda, em segundo lugar, os sócios;

PARÁGRAFO ÚNICO

Fica desde já autorizado o sócio Severim Duarte a ceder a sua quota, no todo ou em parte, a quem entender — cumprindo-se oportunamente o mais que, para os efeitos, for legal.

6.º

Ambos os sócios ficam sendo gerentes, podendo qualquer deles, por si só, actuar na gerência e obrigar a sociedade; e os gerentes são dispensados de caução e serão retribuidos ou não, conforme se resolver em Assembleia Geral própria e legal;

7.º

Salvo os casos para que a Lei exija outros requisitos, as Assembleias Gerais serão convocadas apenas por cartas registadas, com oito dias de antecedência.

E' certidão narrativa, que vai conforme ao original na parte transcrita a que me reporto e na parte omitida, nada há que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

Aveiro, Secretaria Notarial, dezasseis de Novembro de mil novecentos e sessenta e quatro.

O Ajudante da Secretaria,

Celestino de Almeida Ferreira Pires

Litoral ★ N.º 524 ★ Aveiro, 21-11-1964

Alguns problemas da Ria de Aveiro

Continuação da primeira página

receberam inspiração e por ela afeiçoaram o carácter. Essas, sobretudo as de Aveiro, sempre terçaram palavras e acção, pensamento e sensabilidade, pela Ria. De José Estêvão a Alberto Souto, passando por D. João de Lima Vidal, Homem Cristo, Rocha e Cunha, para só recordar os grandes já mortos, todos se bateram por ela, para ela reclamaram as atenções dos governantes, a cantaram e a amaram.

Tão longo período de esquecimento encontra, em parte, alguma justificação na elevada despesa, mais de cem mil contos, feita pelo Governo entre 1932 e 1958, com as obras portuárias, que transformaram a assoreada Barra em autêntico porto de mar, hoje dos melhores da nossa costa, obras que prosseguem agora com a construção, no interior da Ria, do porto de comércio e cuja continuidade está assegurada pela inclusão, no Plano Intercalar de Fomento, da verba de 30 mil contos. O porto de mar, já hoje em boa parte causa do progresso e enriquecimento aveirense, revolucionará toda a região ribeirinha, uma vez concluído o porto de comércio.

A ACÇÃO DE JOSÉ ESTÊVÃO

O aproveitamento da Ria e das suas margens para fins turísticos depende, na base, de estradas e de pontes.

José Estêvão, há mais de um século, com toda a sua portentosa capacidade de ver, já assim pensava e tinha como indispensável. Por isso lutou para que a Ria fosse cruzada de estradas e pudesse, nos seus múltiplos canais, ser galgada por pontes. Deparou com dificuldades de toda a ordem, incompreensões, até. Um dia... Um dia convidou o ministro Visconde da Luz a ir a Aveiro. Ofereceu-lhe almoço no «Palheiro» da Costa Nova, a sua jóia mais rica, como expressava em carta para a Mulher, D. Rita. «Palheiro» característico, mantendo ainda hoje a traça primitiva, pelo amoroso cuidado do Filho e das Netas.

O trajecto só se fazia de barco, mercantel ou salineiro. A meio da viagem sobreveio violenta tempestade. O ministro não escondeu os seus receios enquanto José Estêvão radiante, com aquele riso aberto, franco, saudável tão seu, proclamava: «Fui eu que o encomendei (o temporal); fui eu que o encomendei»!! Ganhara a partida. A estrada para a Costa Nova fez-se. Iniciada em 1855, chegou ao Forte da Barra em 1861, um ano antes da morte prematura (53 anos) do imortal Tribuno, patrono cívico dos aveirenses.

A estrada implicou a construção de pontes: a da Gafanha e a da Barra, esta ainda em madeira e aquela já em cimento, inaugurada em 1961. Assinala-se a coincidência da data da inauguração da da Gafanha, a primeira a ser construída na Ria, — *22 de Junho de 1858*, com a da inauguração da Ponte da Varela, — *22 de de Junho de 1964*, pelo venerando e venerado Presidente da República, Almirante Américo Tomaz.

ARANTES E OLIVEIRA E PINTO BARBOSA E O QUE JÁ SE FEZ NA ÚLTIMA DÉCADA

Após José Estêvão nada mais se fez pela Ria, no aspecto turístico. Três quartos de século perdidos. Mas, na última década, Arantes e Oliveira, estadista de rara dimensão mental e actuante, olhou para ela, fixou-a, sentiu-a e está agora a compreendê-la quase tão bem como os que dela são. Não lhe tem faltado apoio e ajuda do seu colega Pinto Barbosa — murtoseiro de nascimento, inteligência e coração bem mergulhados na água salgada, ministro que se agigantou no comando das finanças públicas.

Nestes dez anos Arantes e Oliveira não mais parou no seu esforçado labor pela Ria. Foi a nova ponte da Gafanha e sua estrada de acesso a partir de Aveiro, pelo meio das marinhas; foi a estrada marginal da Torreira ao Furadouro, em continuação do lanço S. Jacinto-Torreira, estrada que desvenda paisagens indizíveis, agora carecida de urgente protecção contra a erosão; foi a construção da bela Pousada da Ria, já exigua, tal a afluência de pessoas ávidas do panorama; é a obra de profunda remodelação do centro da capital do distrito, já iniciada, que vai permitir tirar todo o partido do canal central e sobretudo virar a cidade para a Ria, obra que honra a iniciativa do activíssimo Presidente da Câmara, o apoio, o incitamento e a comparticipação vultosa do Ministério das Obras Públicas e a sanção de Pinto Barbosa a elevado empréstimo concedido por aquele. A cidade ganhará nova fisionomia, dominada como vai ser por arranha-céus de 26 andares, de onde a Ria se descortinará em longa extensão, com seus canais, ilhas, marinhas de sal, praias e matas marginais.

O QUE FALTA FAZER

Ainda é muito. Por ordem de urgência: ligação fluvial S. Jacinto-Barra, por ferry-boat; estrada Aveiro-Murtosa; acessos à cidade; urbanização de S. Jacinto; nova estrada Gafanha-Barra-Costa Nova, como nova ponte na Barra.

Só uma vez realizadas estas obras pode falar-se na Ria como centro de uma extensa zona de turismo.

A primeira é de premência enorme, pois todo o tráfego turístico ribeirinho, do Furadouro a S. Jacinto, intensíssimo, é obrigado a retroceder, a não completar o circuito natural o que deixa o estrangeiro — já que o nacional está habituado a estas coisas — chocantemente perplexo.

Os acessos à cidade, especialmente a construção da passagem inferior de caminho de ferro, é outra obra a não se compadecer com mais delongas, pois a sua falta, além de todos os prejuízos que acarreta ao movimento citadino, afecta muito o turismo na Ria.

Por sua vez, a criação na imponente mata de S. Jacinto de um centro de turismo — com estação de veraneio, zona residencial, parques de campismo, piscinas, etc. — numa área com muitas dezenas de hectares, encravada entre a Ria e o mar, representará passo decisivo na criação de uma autêntica zona de turismo ribeirinho.

Sobre estes problemas e a estrada Aveiro-Murtosa, que referirei a seguir, tem o ilustre ministro Arantes e Oliveira trabalhado ùltimamente com o devotado presidente da Câmara de Aveiro. É de esperar para eles solução rápida — como aliás é imperioso.

A estrada Aveiro-Murtosa é a maior obra que, quer no aspecto turístico, quer no plano das comunicações entre os dois concelhos, quer no das ligações da Figueira e Aveiro para o Porto (pela ponte da Varela à projectada auto-estrada Espinho - Ponte da Arrábida), falta realizar. Sem ela, tudo o que se ambiciona, ficará irremediàvelmente comprometido.

A estrada abrirá ao turismo a zona mais formosa da Ria, a da foz do Vouga, hoje inacessível; permitirá o acesso à pista náutica do Rio Novo do Príncipe, a qual rivaliza com as melhores internacionais — canal de rara beleza e suavidade, a correr numa extensão de 2 Km. entre arvoredo majestoso que se espelha nas águas tranquilas; assegurará ligações fáceis da cidade com todos os lugares de Cacia; reduzirá a ligação à Murtosa de 30 a 10 Km. e permitirá desviar o tráfego, da Figueira e de Aveiro para o Porto, da actual e perigosíssima estrada.

É, porém, uma estrada cara, por motivo das obras de arte que exige. Procurar, no entanto, uma solução económica, como uma que está esboçada, a importar o sacrifício do troço Aveiro-Cacia — precisamente o que abrirá ao tráfego a foz do Vouga e o canal do Rio Novo do Príncipe — constituiria acto de verdadeira traição à Ria. Daqui apelo para o ilustre ministro, dizendo-lhe não contar poupança de seis ou sete mil contos perante melhoramento de tamanha grandeza. Aliás o presidente da Câmara de Aveiro, em estudo exaustivo e tècnicamente perfeito, demonstrou já que a maior despesa com esta estrada encontra compensação bastante na protecção que fará aos campos da zona aluvional, situados entre Aveiro e Cacia, agora seriamente ameaçados pelo progressivo salgamento provocado pela elevação da cota das águas salgadas da laguna, consequência das obras portuárias. O ministro Arantes e Oliveira saberá ver o problema em grande, como lhe é habitual. Confiemos.

Sobre a ponte da Barra só este apontamento: que a sua localização não seja objecto de devaneios que, a concretizarem-se feririam mortalmente o movimento S. Jacinto-Forte da Barra. Também daqui, neste ponto, apelo para a esclarecida compreensão e sentido de medida do ilustre governante.

A PONTE DA VARELA E CARLOS BARBOSA

Vem tudo a propósito da recente inauguração da Ponte da Varela.

Velha aspiração a da Murtosa de ter as duas margens da Ria abraçadas por uma ponte. Sonho centenário, que os murtoseiros foram transmitindo de geração em geração, convictos das suas razões, pois só a ponte lhes pode garantir acesso cómodo e rápido ao mar,em cuja costa se estabeleceu a praia da Torreira, cheia de pitoresco, a debruçar-se sobre a Ria, onde ela ganha largura imensa e oferece panorama de rara beleza. Os da Murtosa assaltam a Torreira aos milhares — é a sua menina dos olhos. Também as gentes de Estarreja, de Azeméis e Albergaria a ela acorrem como se sua fosse. E outros, até de Lisboa, a procuram para se recrearem. Por tudo isso, era necessidade intensamente sentida. De tal sorte, que chegou a ser tema de propaganda eleitoral de regeneradores e progressistas. Mas só agora é magnífica realidade. E com a outra grande função que já lhe assinalamos: permitir, pelo litoral, a ligação Aveiro-Porto.

O momento da sua inauguração constituiu espectáculo inolvidável, só possível na Ria, em honra do Senhor Almirante Américo Tomáz, que as gentes ribeirinhas muito admiram e com o qual traduziram toda a sua gratidão.

Lá estava alguém, com a vista já cansada de tanto ter contemplado a Ria e dela tanto se ter enamorado; alquebrado nas suas forças por muito ter trabalhado pela Murtosa; alguém que, no decurso deste século, mais serviços lhe prestou; alguém com presença distinta nas letras regionais; autêntico senhor em sensibilidade, requinte e no culto da amizade; alguém que, na sua casa de Lisboa, oferece, a quem a frequenta, em telas, porcelanas e gravuras, a Ria e as centurinhas — Carlos Barbosa. Que bem assentava o seu nome à Ponte, a simbolizar serviços, a ser exemplo de amor às terras de nascença!

Francisco do Vale Guimarães

Um trecho da Ria de Aveiro

A CIDADE

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado . . .	SAÚDE
Domingo . . .	OUDINOT
2.ª feira . . .	NETO
3.ª feira . . .	MOURA
4.ª feira . . .	CENTRAL
5.ª feira . . .	MODERNA
6.ª feira . . .	ALA

Pela Câmara Municipal

Assuntos tratados na reunião de 9 de Novembro da Câmara Municipal de Aveiro:

Palácio da Justiça

— Foi aberta a única proposta apresentada para a empreitada de «Construção de habitação do guarda e acesso ao rés-do-chão do Palácio da Justiça», na importancia de 253.130$00, tendo sido deliberado submetê-la à informação da Repartição de Obras e solicitar a aprovação do sr. Ministro da Justiça.

Urbanização do Centro de Aveiro

— Procedeu-se à abertura das quatro propostas para a execucão do «Arranjo Urbanístico da Zona Central de Aveiro (Arruamento L M)» tendo-se verificado que a proposta mais baixa é de montante muito superior à da base de licitação fixada para o segundo concurso, pelo que se deliberou efectuar a obra por administração directa.

Saneamento

— Foi deliberado adquirir uma parcela de terreno destinado à obra de construção do «Arruamento de acesso à estação de tratamento de esgotos e um pontão, em Aveiro.

Também foi deliberado adquirir outra parcela de terreno, sito na Rua de Vicente de Almeida d'Eça, destinado à estação elevadora da obra de saneamento do sector de Esgueira.

Homenagens ao Dr. Soares Machado

— Por proposta do Vereador sr. Dr. Orlando de Oliveira, a Câmara deliberou fazer-se representar na homenagem que a «Gota de Leite» prestou à memória do saudoso médico Dr. Alberto Soares Machado; e resolveu atribuir o seu nome a um dos próximos arruamentos de importância que venha a abrir na cidade.

«Dia de Santa Cecília»

A exemplo dos anos anteriores o Conservatório Regional de Aveiro comemorará amanhã, 22 de Novembro, o «Dia de Santa Cecília», solenizando a missa vespertina da igreja da Vera-Cruz (19 horas).

Estarão presentes, acompanhando o piedoso acto, as classes de Canto Coral e de Música de Câmara do Conservatório de Aveiro.

130.° Aniversário da «Banda Amizade»

A conhecida e prestigiosa «Banda Amizade» celebra amanhã o 130.° aniversário da sua fundação, com um programa assim elaborado.

Às 9.30 horas — *Hastear da Bandeira, no edifício da sede da «Banda Amizade».*

Às 10 horas — *Missa, na igreja de Jesus. No final, efectua-se uma romagem de saudade aos cemitérios da cidade.*

REUNIÃO DE ENGENHEIROS AUXILIARES E AGENTES TÉCNICOS DE ENGENHARIA

A fim de tomarem conhecimento do estado das diligências empreendidas pelo Sindicato Nacional dos Engenheiros Auxiliares e Agentes Técnicos de Engenharia junto das entidades oficiais com vista à valorização social, e profissional da classe, reuniram-se no Grémio do Comércio de Aveiro, os diplomados com os cursos de engenharia dos Institutos Industriais residentes no Distrito.

Após o relato do delegado distrital daquele Sindicato, foram abordados, no âmbito da reunião, outros assuntos de interesse profissional e técnico, e lido e discutido o artigo publicado no «Jornal de Notícias», do Porto, àcerca das anomalias contidas no preâmbulo do decreto que recentemente criou os cursos nocturnos nos Institutos Industriais.

A doutrina exposta no referido artigo mereceu o melhor interesse e apoio dos presentes, que deliberaram, no final, saudar aquele Jornal.

III SALÃO DE OUTONO DAS FABRICAS ALELUIA

Foi inaugurado ontem, e estará patente ao público, até 28 do mês em curso, o III Salão de Outono *promovido pela Acção Cultural das Fábricas Aleluia.*

O valioso certame, que se realiza no vasto salão de festas daquela importante empresa, pode ser visitado todos os dias (excepto hoje e amanhã), das 18 às 19.30 horas, e das 21 às 23 horas.

NA «GALERIA BORGES»

Encerrou ontem a exposição Linguagem Plástica Juvenil, *que despertou grande interesse entre as camadas jovens. Recorda-se que esta foi a terceira exposição do género efectuada em Aveiro: as anteriores efectuaram-se por iniciativa do Cine-Clube, no Clube dos Galitos, e da Fundação Calouste Gulbenkian, no Museu.*

A partir de hoje, e até 4 de Dezembro, apresenta trabalhos de sua autoria ao público aveirense, na «Galeria Borges», o jovem artista Ruy Fervá, do Círculo de Artes Plásticas da Associação Académica de Coimbra.

Ruy Fervá expôs em Coimbra (1962) e Porto (1963); este ano, já efectuou exposições em Coimbra, Nazaré e Figueira da Foz.

Pela Capitania

MOVIMENTO DO PORTO

* Em 3, procedentes de Lisboa, demandaram a barra os navios portugueses «Maria Cristina» e «Sacor».

* Em 4, sairam com destino a Lisboa e Kirkcaldy, respectivamente, o navio português «Sacor» e o navio holandês «Majorca».

* Em 5, saiu para Lisboa, o navio português «Maria Cristina».

* Em 6, vindo de Viana do Castelo, entrou a barra o navio português «Santa Maria Manuela».

* Em 8, procedentes de Lisboa e Safi, respectivamente, demandaram a barra os navios portugueses «Maria Cristina e «São Silvano».

* Em 11, procedentes da Figueira da Foz, demandaram a barra o rebocador «Engenheiro Von Hafe» e o batelão «5-C» e saiu, para Lisboa o navio português «Maria Cristina».

* Em 14, vindos da Terra Nova, entraram a barra os arrastões portugueses «São Gonçalinho» e «Rio Alfusqueiro». Procedente de Lisboa, entrou o navio português «Maria Cristina», tendo saido para Leixões e Lisboa, respectivamente, os navios portugueses «Engenheiro Von Hafe» e «São Silvano».

* Em 15, vindos da Terra Nova, entraram a barra os arrastões portugueses «Santa Joana» e «Santo André».

* Em 16, procedentes da Terra Nova, demandaram a barra os arrastões portugueses «Santa Mafalda» e «Santa Princesa».

Pelo Hospital

SERVIÇO DE CITODIAGNÓSTICO

A benemerente Fundação Calouste Gulbenkian, a muitos títulos credora dos gerais agradecimentos de Aveiro (e do País), acaba de fazer uma importante dotação de 120 contos à Santa Casa da Misericórdia, para se criar no Hospital de Santa Joana o novo Serviço de Citodiagnóstico, que muito virá melhorar aquela instituição de assistência.

CORTEJO DE OFERENDAS

Continuam, activamente, os trabalhos preparatórios do Cortejo de Oferendas, marcado para 29 do mês em curso, registando-se geral compreensão e viva simpatia por um empreendimento de tão largo alcance humanitário.

As Juntas de Freguesia, por intermédio das comissões dos respectivos lugares, empenham-se na recolha de donativos; e, de igual forma, as comissões das várias zonas da cidade têm encontrado as melhores boas-vontades e o carinho dos aveirenses.

Entretanto, à Comissão Central do Cortejo, têm também chegado notícias de terem sido subscritos importantes donativos para aquela jornada em favor do Hospital de Santa Joana. Salientamos: um donativo de 50 contos, da Companhia Portuguesa de Celulose; um subsídio de 20 contos, da Direcção Geral de Assistência (por intermédio do Fundo do Socorro Social); a oferta de 20 contos (em diverso material de seu fabrico), das Fábricas Aleluia; a importância de 17 contos, apurados no «Baile da Boa-Vontade» realizado no pretérito sábado; e as verbas de 5 contos, da firma «Dankal», 2 contos, dos Lacticínios de Aveiro, e de 6 contos (parte de uma subscrição entre os médicos que, gratuitamente, prestam serviço no Hospital).

VISITA DO CHEFE DO DISTRITO

O sr. Dr. Manuel Louzada, Governador Civil de Aveiro, visitou o Hospital de Santa Joana no último sábado, dia 14.

O Chefe do Distrito percorreu todas as instalações, com muito interesse, acompanhado pelo Provedor da Santa Casa e demais membros da Mesa Administrativa, Direcção do Corpo Clínico e Irmã Superiora.

Durante a visita, ventilou-se a ideia da instalação de um novo hospital na cidade — problema que importa resolver a bem do prestígio da instituição, da sua eficiência e das crescentes necessidades de Aveiro.

PASSAGEM DE MODELOS

O *Atelier J. Portugal* vai realizar nova passagem de modelos de alta costura, no dia 4 de Dezembro, pelas 17 horas, no Teatro Aveirense.

A receito que venha a apurar-se destina-se à Colónia de Férias das crianças pobres da cidade.

As entradas custam 20$00 e as marcações de mesa 10$00 — podendo a sua reserva ser feita pelos telefones 23388 e 22206 ou directamente no *Atelier J. Portugal.*

A conferência de Tomás Alcaide

Continuação da primeira página

tuno, sendo-nos hoje muito grato acrescentar que a iniciativa terá também o patrocínio do CONSERVATÓRIO REGIONAL DE AVEIRO.

Assim se verifica mais uma vez, que o Conservatório aparece louvàvelmente ligado a todos os empreendimentos susceptíveis de dilatar a cultura musical dos aveirenses.

A conferência realizar-se-á no Salão Nobre do Teatro Aveirense, podendo os convites ser desde já procurados na Redacção do *Litoral.*

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Primeiro Cartório

Certifica-se, para efeitos de publicação, que por escritura de vinte e quatro de Outubro de mil novecentos sessenta e quatro, lavrada de folhas quarenta e seis, verso, a folhas quarenta e oito, verso, do livro número cento trinta e um - B - para escrituras diversas do arquivo deste Cartório Notarial de Aveiro, a cargo do Notário Licenciado Joaquim Tavares da Silveira, foi constituida uma sociedade entre *Francisco Lopes de Oliveira, António Batista e José de Oliveira Matos*, nos termos dos artigos seguintes:

1.°

Esta sociedade adopta a denominação de «AUTO ESPERANÇA DE AVEIRO, LIMITADA»; e fica com a sua sede nesta cidade de Aveiro, à Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, números duzentos e trinta e oito, e duzentos e quarenta;

2.°

A sua duração é por tempo indeterminado, a contar de hoje;

3.°

O seu objecto é o comércio de automóveis, nacionais e estrangeiros, pertences e análogos; e poderá ser ainda outro, que resolva explorar;

4.°

O capital social é do montante de noventa mil escudos, — dividido em três quotas de trinta mil escudos cada uma, subscritas uma por cada um deles três outorgantes - sócios; e acha-se todo realizado já, em dinheiro;

5.°

Todos os sócios são gerentes, e a gerência é dispensada de prestar caução; porém, para obrigar a sociedade, é necessária a assinatura de dois gerentes, um dos quais será sempre o sócio António Batista;

6.°

Salvo os casos para que a Lei exija outros requisitos, as Assembleias Gerais serão convocadas apenas por cartas registadas, com oito dias de antecedência;

7.°

Na cessão de quotas a estranhos, a sociedade terá sempre o direito de preferência, — salvo se a cessão for feita a favor de esposa ou filhos do sócio cedente;

8.°

Os sócios serão preferidos a quaisquer outras pessoas para empregados ou prestar todos os serviços necessários da sociedade; e, nesta ordem de ideias, desde já ficam ao serviço da Sociedade os sócios António Batista e José de Oliveira Matos, com as remunerações iniciais de dois mil e quinhentos escudos aquele e dois mil escudos este, mensalmente, — que a sociedade poderá vir a aumentar, mediante deliberação.

E' certidão de teor parcial, que fiz extrair e vai conforme ao original a que me reporto.

Na parte omitida, nada há que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita a que me reparto.

Aveiro, Secretaria Notarial, aos trinta e um dias de Outubro de mil novecentos esessenta e quatro.

O Ajudante da Secretaria

Celestino de Almeida Ferreira Pires

Cartaz dos Espectáculos

Teatro Aveirense

Ver anúncio em separado

Cine-Teatro Avenida

Sábado, 21 — às 21.30 horas

Uma sessão com dois filmes: Howard Keel e Nicolle Maurey na película, em *Technicolor* e *Cinemascope* — **Quando o Mundo Cegou;** e Vincent Price e Linda na produção **O Fumador de Ópio.** Para maiores de 17 anos.

Domingo, 22 — às 15.30 e às 21.30 horas

Um movimentadíssimo filme, em *Technicolor* e *Cinemascope*, com Jean-Paul Belmondo — **O Homem do Rio.** Para maiores de 12 anos.

Teatro-Cine Triunfo

Gafanha da Cale da Vila

Sábado, 21 — às 21 horas

Domingo, 22 — às 15 e às 21 horas

Uma grandiosa película italiana, em *Cinemascope* — **Rocco e seus Irmãos.** Para maiores de 17 anos.

Brevemente

Reposição do espectacular filme **Ben-Hur.**

SECRETA JUDICIAL

Coman Aveiro

A io

1.ª ção

Faz-se que no dia 9 de Dezem próximo, pelas 11 hora Palácio da Justiça de omarca de Aveiro e tos de Execução Sum que o exequente Ma Migueis Júnior, casa comerciante, de Azurva a comarca move con executado Manuel Ta Garrido, casado, com te, de Esgueira, c rrem seus termos pe Secção do primeiro Ju sta comarca, vai ser p praça, para ser arrema ela primeira vez, e pel preço oferecido aci valor indicado no p , um frigorífico da lectrolux.

Aveiro, Novembro de 1964.

O J ireito,

Alcides Sequeira

Verifiquei:

O Esc Direito,

Silvino A Villa Nova

Litoral ★ N.° iro, 21-11-1964

Homenagem à memória do Dr. Soares Machado

Continuação da primeira página

dante António Manuel Pinto Soares Machado, neto daquele distinto e saudoso médico aveirense.

Usou ainda da palavra o sr. professor José Duarte Simão. Do seu discurso, reproduzimos as seguintes e expressivas passagens:

...Eu firmemente creio que há qualquer coisa de misteriosamente imponderável, de onde irradia aquele fluxo de uma **justiça imanente,** — quer provenha do alto, ou da profundeza das almas, ou do mais recondito das consciências, — a qual, cedo ou tarde, mas no momento azado, na ocasião propícia, há-de surgir desperta, a dar merecida recompensa, em reconhecimento de todos os sacrifícios e dedicações.

É por isso que vale sempre a pena proceder na vida com toda a nobreza e aprumo, e que nunca será em vão o sacrifício de quem-quer-que-seja, em prol do bem comum ou a benefício da colectividade.

A gratidão nunca foi uma palavra vã; e se não todos, a grande maioria dos mortais nunca deixa de reconhecer o valor dos homens, mormente daqueles que em muito excederam a craveira comum. E, quando esses grandes homens, ao transporem o limiar da eternidade, deixam atrás de si uma obra meritória que transcende os limites da vulgaridade; uma irradiação de simpatia que se transmuda em respeito colectivo; um nome que se projecta para além da morte, a impor-se à admiração das gentes, — toda a gratidão brota espontânea e se manifesta a toda a hora, o reconhecimento vive perenemente a dentro das almas, e as homenagens surgem, de improviso, dos corações agradecidos.

Tal é o caso presente, em que a Direcção da «Gota de Leite», com toda a espontaneidade, sem artifícios a pretender fundamentar um acto de justiça, e antes a cumprir um dever de civismo e a reafirmar o indesmentível merecimento, — promove esta homenagem ao principal fundador desta obra, no primeiro aniversário do seu falecimento, que agora decorre.

Na verdade, é já transcorrido um ano sobre aquele dia fatal em que se finou o Dr. Machado. Parece que foi ontem, tão presente se mantém ainda aquela onda de amarfanhadora tristeza, o pesar enorme que o seu passamento causou na população da cidade e redondezas. Mas o calendário não mente; e, de facto, já lá vai um ano que **Ele** morreu. Todavia, o seu espírito mantém-se vivo e sempre presente, na alma e no pensamento de quantos se acostumaram a sentir e admirar aquela soberba estrutura moral, daquela coorte de familiares e amigos que o choram e lamentam a sua perda, mas para os quais continua vivo, na ara votiva da perseverante lembrança e da imarcessível saudade.

E essa saudade e lembrança traduzem-se em homenagem permanente, a testemunhar o preito e veneração por aqueles que atravessaram a vida nimbados de uma aura de singular prestígio, que os acompanhou até à hora derradeira, e se prolonga para além da morte.

*

Muito haveria a dizer sobre a personalidade do Dr. Alberto Soares Machado, na hora presente desta sessão evocativa, em que se exalta a sua memória.

Por ocasião do seu falecimento, escrevi, para o «Litoral», um artigo de necrológio, focando, em palavras simples, mas repassadas de sinceridade, os traços mais salientes do seu perfil de eleição.

Tudo quanto então escrevi teria cabimento nesta hora de sublime evocação; mas, não creio indispensável repetir o que ali foi dito, e a que pouco terei de acrescentar.

Como homem, o Dr. Alberto Machado era e foi sempre — **um bom.** Modesto e comunicativo e duma afabilidade cativante, irradiava à sua volta tais primores de simpatia e cordialidade, que cada conhecimento redundava num amigo, de que não mais se desprendia.

Leal e franco, tinha no mais alto conceito o culto das amizades, e era esta uma das facetas mais características da sua personalidade. Por isso deixou aquela coorte infindável de amigos tão sinceros e devotados, que hão-de continuar, por largo tempo ainda, a chorar e lamentar a sua perda irreparável.

Como médico, também a sua acção nobre e meritória era e foi sobejamente conhecida, pois não foram poucos os que usufruiram os primores da sua competência profissional, e, principalmente, do seu grande carinho e dedicação.

Embora seja hoje um debatido **lugar comum,** a ele se deve aplicar, mas com toda a justeza e propriedade, aquela legenda bem conhecida de que **«fazia da profissão um verdadeiro sacerdócio»,** nunca regateando os recursos do seu ministério **onde, como e quando fosse e a quem-quer-que-fosse,** e com tal devotamento e desvelo, que inspirava inteira confiança a quantos a ele recorriam.

Há-de haver, — e há, certamente, — tantos médicos desvelados pelos seus doentes, prodigalizando a estes os cuidados e dedicação que eram timbre do Dr. Machado; suplantá-los, porém, é que não será tarefa de fácil realização.

É que este homem, e este médico, possuía como que um dom nato, um segredo intimo de minimizar os sofrimentos alheios, como que a insuflar ânimo e conforto com a sua presença amiga, e aquela bonomia natural que transparecia das suas palavras francas, e naquele rosto sereno e risonho, que era espelho de grande bondade.

E não era o interesse material que o movia ou a busca de vultosos proventos; antes exercia a medicina como se fora uma obrigação imposta por um arreigado instinto de amor do próximo, e mais por devoção, do que na expectativa de recompensa material.

E a verdade é que, a uma grande parte da clientela que fartamente lhe enchia o consultório, não cobrava quaisquer honorários, e antes facultava auxílio material a muitos, quer distribuindo remédios, quer, até, alguma parte dos seus proventos. Pode dizer-se afoitamente que era um verdadeiro médico dos pobres, sempre acompanhado pelo coro de bênçãos dos necessitados ou dos menos favorecidos, sobretudo das classes modestas do nosso bairro da Beira-Mar.

E porque vem bem a propósito, não deixo de referir aqui uma ligeira passagem do que escrevi no artigo do «Litoral» a que me referi há pouco. Entre outras coisas, dizia eu:

«...e nas suas palavras animadoras, o sorriso de mistura com a bondade, sentia o doente um refrigério para os seus males e as mais fundamentadas esperanças, como que sugestionado por aquela força misteriosa que se evola e é dom dos predestinados. E, se o doente era pobre, quantas e quantas vezes, a par da receita, ficava, em segredo e sem alardes, a espórtula quantiosa, para suprir, e mesmo superar, os gastos da farmácia.»

*

Mas, continuando, direi ainda que, de há muito, o Dr. Machado conhecia o seu precário estado de saúde, o qual se não compadecia com o esforço que vinha dispendendo em prol dos seus doentes.

Apesar disso, nunca hesitou na sua longa caminhada de sacrifício, embora conscientemente sabendo que, dia a dia, mais cavava a sua própria ruína física. E nunca, naquele rosto sereno, e ante o sofrimento alheio, deixou transparecer o menor vislumbre de sofrimento ou contracção junto dos seus doentes, — ele, que se sabia gravemente doente.

Assim, pode peremptòriamente afirmar-se que tombou no seu posto de combate, sacrificando a saúde e a própria vida a debelar os males e sofrimentos que punham em risco a vida e saúde dos seus semelhantes.

Tal era a elevada estatura moral deste homem a quem, nesta hora, rendemos preito e homenagem, e que, vai passado um ano, a morte arrebatou ao nosso convívio.

Morto, sim, na sua estrutura física, — mísero barro ou matéria da fraca condição humana; — mas continua vivo ainda, na perenidade da nossa lembrança, a transmitir o hábito benfasejo que se desprendia da sua presença. É que, verdadeiramente, não morrem os predestinados da sua estirpe: — como eu já disse algures, — «são mortos sempre presentes, que vivem na alma das gentes, por tudo quanto fizeram.»

*

...Guardei, para o final, algumas referências a esta grande obra de assistência materno-infantil, que é a **«Gota de Leite»,** e a que não fiz qualquer alusão no meu citado artigo do «Litoral», por carência de espaço, pois era já bastante o que tinha escrito. É oportuno fazê-lo agora, pois se trata de uma obra que ficou a dever-se à grandeza de alma do Dr. Alberto Machado, que foi o seu principal fundador.

Teve, é certo, a apoiar a sua iniciativa, a colaboração valiosíssima, além de outros, de dois prestimosos e dedicados amigos: — o Dr. Toscano Sampaio, seu concunhado, e o sr. Visconde da Granja, António Barreto Ferraz Saccheti, ao tempo fixados em Aveiro, os quais, imbuidos daquele entusiasmo que o Dr. Machado soube insuflar-lhes, tão bem compreenderam o elevado alcance de uma instituição de assistência infantil e maternal. Mas foi **Ele,** marcadamente, a **Alma Mater,** a pedra angular em que assentaram os fundamentos da «Gota de Leite».

Assisti, por assim dizer, ao seu nascimento, tendo até escrito algumas notas, no antigo semanário local — «O Debate» —, enaltecendo a Obra, e noticiando a sua criação.

Quando se inaugurou, teve o apadrinhamento do grande pensador aveirense, aquela boa alma que foi o Dr. Jaime de Magalhães Lima, o qual então produziu e proferiu uma oração sublime, verdadeiro cântico em louvor da Instituição nascente, e dos seus fundadores, hino maravilhoso à caridade cristã, e de que se fez uma edição especial, largamente espalhada. Abria, até, com um pensamento de elevada concepção, e que foi, por assim dizer, o lema sugestivo deste «Lactário e Dispensário de higiene maternal e infantil».

Rezava assim: — **«Servir a criança é servir a Beleza, e a Força e a Divindade. Descurá-la, é atraiçoar a Deus e ao Mundo, secar a Fonte da vida das gerações, — deserdá-las do cavador que lhes cria o pão, e do soldado que lhes guarda o lar, e da piedade que lhes dá o ânimo.»**

Pois bem: o Dr. Alberto Machado, além de quanto atrás ficou dito, **serviu a criança,** com dedicação magnânima, fundando este Lactário e Dispensário para assistência aos recém-nascidos, a carecer de especiais cuidados, sem os quais o índice de mortalidade infantil atingia cifras assustadoras.

Mas, se uma boa parte deles não fosse pasto da morte, iríamos contar com uma legião infindável de depauperados fisicamente, à míngua de elementares meios de defesa, tanto para as pobres criancinhas, como para as próprias mães.

Por um lado, as dificiências alimentares, sobretudo nas classes menos favorecidas, eram factores desse depauperamento com a consequente super-abundância de seres raquíticos ou escassamente desenvolvidos; por outro lado, as doenças características da infância, congénitas umas, ocasionais outras, e com a ausência quase total de uma assistência médica oportuna e eficaz, tão necessária como os alimentos, — tudo se conjugava para um desbaste tremendo, nos indivíduos das primeiras idades.

E foi para entravar a marcha desse depauperamento ou mortalidade, que surgiu esta magnífica obra assistencial, sob o impulso do Dr. Machado, pondo todo o entusiasmo do seu coração magnânimo ao serviço da criança e das mães, para segurança e defesa das gerações novas.

E, quer suprindo as deficiências alimentares de muitos recém-nascidos, quer ainda, e principalmente, pondo ao serviço desta cruzada sublime de bem-fazer toda a sua competência e dedicação profissionais, o espectro da mortalidade e depauperamento infantil foi atacado nos seus fundamentos, de forma a conseguir extirpar, ou, pelo menos, atenuar este verdadeiro cancro social.

E, mercê da sua abnegada actuação, e da colaboração devotada dos seus colegas médicos, que, por ele chamados a tão grandiosa obra, não lhe regatearam o seu meritório concurso, — **toda a infância necessitada** passou a usufruir uma assistência médica conveniente, naquela idade melindrosa em que os organismos frágeis estão sujeitos a perigos constantes, quando votados ao ostracismo.

E, assim como um pai amantíssimo, que procura, a toda a hora, defender a saúde e o desenvolvimento normal dos seus filhos, assim, também, este homem e médico se comportava como um verdadeiro pai da infância desprotegida, prodigalizando amparo e cuidados a tantos seres indefesos, e com tal carinho e solicitude, que, — quantas vezes — sacrificava o indispensável repouso, e até a própria saúde e vida, a velar pela defesa da vida e saúde de tantos centenares de filhos adoptivos», na tentativa do seu desenvolvimento integral e robustez física.

Serviu, pois, a criança, com toda a plenitude da sua magnânima vontade, no que ela se revestia de devotamento pelo bem **comum.**

E, servindo a criança, serviu a beleza, pois são as crianças as flores mais belas da nossa vida afectiva, verdadeiros **botões de rosa** a florir para a luz neste simbolismo singular a que chamamos «jardim da infância», como um verdadeiro oásis de maravilha, neste complexo de tantas atribulações que é a vida quotidiana, feita de dores e canseiras, agruras e desalentos, misto de sorrisos e desesperos, mas à qual a alacridade infantil empresta um halo de luminosidade bendita, um arco-iris de fé e consoladora esperança.

É que as crianças, botões floridos a expandir suavidade e candura, foram e hão-de ser sempre o enlevo das famílias e dos mais velhos, poderosa alavanca da alegria e bem-estar e paz dos lares. E é esta Beleza, fonte perene de alegrias e arroubamentos, que merece ser difundida, — muitas vezes embora, à custa do sacrifício e dedicação das almas bem formadas, de que o Dr. Soares Machado foi exemplo vivo.

E também serviu a **Força,** pela obra assistencial post-natalidade a que desinteressadamente se votou.

É que, defendendo a saúde das criancinhas, procurando dar robustez à sua delicada compleição física, elas seriam, no futuro, elementos válidos a enriquecer o capital humano da Nação, aptos a realizar trabalho útil em prol da colectividade. E, assim, ver-se-ia constantemente aumentado o cabedal de **«Força»,** que é fulcro do progresso e riqueza dos povos, factor do desenvolvimento económico e bem-estar colectivo, — **Força** que é dinamismo actuante, base de toda a segurança, e engrandecimento e manutenção das nacionalidades.

E, finalmente, sobre servir a criança, também serviu a Divindade. E serviu-a, porque, sendo as crianças a obra mais grata e perfeita da criação divina, tudo quanto por elas se faça há-de ser tomado em conta pelo **Supremo Criador** de todas as coisas; e Ele não deixará, por certo, de atribuir as compensações devidas aos que saibam proteger e desenvolver a sua obra mais maravilhosa. E no inextricável «Livro do Destino», registo misterioso dos fatais designios da **Providência,** hão-de ser lançadas, em crédito firme e valioso, todas as atenções dispensadas àqueles **pequeninos seres,** que se encaminham hesitantes para a vida e para serviço da mesma divindade: — crédito que irá servir de contra-partida aos defeitos e faltas cometidas contra as determinações do **Criador.**

E desta maneira, o Dr. Alberto Machado, **servindo a Criança, e a Beleza, e a Força, e a Divindade,** — deu novos fluxos à «Fonte da vida das gerações», com tantas vidas que soube defender.

*

E para concluir:

O Dr. Alberto Machado já não pertence ao número dos vivos; mas continuará perpètuamente no pensamento e na saudade de quantos com ele privaram, daquelas gerações que puderam avaliar toda a sua grandeza moral.

Vive em espírito, adejando à nossa volta, e aqui dentro, sente-se aquele fluido misterioso que dele se desprende, e domina e acalenta pela força dinamizadora do seu nobre exemplo. Dele estão impregnados todos os recantos desta casa, que nasceu e viveu com ele.

E, se é verdade que os mortos mandam através do seu espírito, ele aponta e ordena aos presentes e vindouros, a continuidade desta Obra, património soberbo legado às gentes da sua terra adoptiva.

À frente dos destinos desta instituição estão **homens de fé** e grandeza de alma, que são a garantia da sua manutenção e desenvolvimento. Podeis confiar neles. E, mercê da sua dedicação, e do carinho e amparo de todos, e do **prestimoso e merecido apoio oficial das autarquias,** ela há-de continuar e progredir. E, se assim for, — e há-de ser, por certo! —, crêde-me: — será esta a mais bela, mais nobre e mais grandiosa das homenagens prestadas à memória do querido finado, e, sem dúvida, — a mais grata ao seu espírito subtil aqui sempre **Presente.**

Por último, o sr. Dr. Manuel Louzada, encerrando a sessão, referiu que durante mais de dezena e meia de anos mantivera relações de amizade com o sr. Dr. Alberto Soares Machado, podendo assim apreciar as suas qualidades de eleição e trocar, repetidas vezes, impressões sobre problemas assistênciais da cidade e do distrito — colhendo sempre proveitosas informações e sugestões, ditadas pela profunda experiência, pela lucidez de espírito e pela permanente dedicação do sr. Dr. Soares Machado à resolução de quanto se relacionasse com os pobres e com os doentes.

Referindo-se, a concluir, à «Gota de Leite», desveladamente criada e mantida com o esforço e o entusiástico espírito de bem-fazer do preiteado, o Chefe do Distrito disse que a instituição, com a devoção dos seus actuais dirigentes, terá de prosseguir a sua acção benemerente, prestando assim a maior e mais significativa homenagem ao seu fundador. E o sr. Dr. Manuel Louzada finalizou dirigindo cumprimentos à sr.ª D. Delminda da Cunha Soares Machado, viúva do ilustre e saudoso médico evocado naquele justíssimo preito promovido pela «Gota de Leite», e aos restantes membros da sua família ali presentes.

A CIDADE

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado . . .	SAÚDE
Domingo . . .	OUDINOT
2.ª feira . . .	NETO
3.ª feira . . .	MOURA
4.ª feira . . .	CENTRAL
5.ª feira . . .	MODERNA
6.ª feira . . .	ALA

Pela Câmara Municipal

Assuntos tratados na reunião de 9 de Novembro da Câmara Municipal de Aveiro:

Palácio da Justiça

— Foi aberta a única proposta apresentada para a empreitada de «Construção de habitação do guarda e acesso ao rés-do-chão do Palácio da Justiça», na importancia de 253.130$00, tendo sido deliberado submetê-la à informação da Repartição de Obras e solicitar a aprovação do sr. Ministro da Justiça.

Urbanização do Centro de Aveiro

— Procedeu-se à abertura das quatro propostas para a execucão do «Arranjo Urbanístico da Zona Central de Aveiro (Arruamento LM)» tendo-se verificado que a proposta mais baixa é de montante muito superior à da base de licitação fixada para o segundo concurso, pelo que se deliberou efectuar a obra por administração directa.

Saneamento

— Foi deliberado adquirir uma parcela de terreno destinado à obra de construção do «Arruamento de acesso à estação de tratamento de esgotos e um pontão, em Aveiro.

Também foi deliberado adquirir outra parcela de terreno, sito na Rua de Vicente de Almeida d'Eça, destinado à estação elevadora da obra de saneamento do sector de Esgueira.

Homenagens ao Dr. Soares Machado

— Por proposta do Vereador sr. Dr. Orlando de Oliveira, a Câmara deliberou fazer-se representar na homenagem que a «Gota de Leite» prestou à memória do saudoso médico Dr. Alberto Soares Machado; e resolveu atribuir o seu nome a um dos próximos arruamentos de importância que venha a abrir na cidade.

«Dia de Santa Cecília»

A exemplo dos anos anteriores o Conservatório Regional de Aveiro comemorará amanhã, 22 de Novembro, o «Dia de Santa Cecília», solenizando a missa vespertina da igreja da Vera-Cruz (19 horas).

Estarão presentes, acompanhando o piedoso acto, as classes de Canto Coral e de Música de Câmara do Conservatório de Aveiro.

130.º Aniversário da «Banda Amizade»

A conhecida e prestigiosa «Banda Amizade» celebra amanhã o 130.º aniversário da sua fundação, com um programa assim elaborado.

Às 9.30 horas — *Hastear da Bandeira, no edifício da sede da «Banda Amizade».*

Às 10 horas — *Missa, na igreja de Jesus. No final, efectua-se uma romagem de saudade aos cemitérios da cidade.*

REUNIÃO DE ENGENHEIROS AUXILIARES E AGENTES TÉCNICOS DE ENGENHARIA

A fim de tomarem conhecimento do estado das diligências empreendidas pelo Sindicato Nacional dos Engenheiros Auxiliares e Agentes Técnicos de Engenharia junto das entidades oficiais com vista à valorização social, e profissional da classe, reuniram-se no Grémio do Comércio de Aveiro, os diplomados com os cursos de engenharia dos Institutos Industriais residentes no Distrito.

Após o relato do delegado distrital daquele Sindicato, foram abordados, no âmbito da reunião, outros assuntos de interesse profissional e técnico, e lido e discutido o artigo publicado no «Jornal de Notícias», do Porto, àcerca das anomalias contidas no preâmbulo do decreto que recentemente criou os cursos nocturnos nos Institutos Industriais.

A doutrina exposta no referido artigo mereceu o melhor interesse e apoio dos presentes, que deliberaram, no final, saudar aquele Jornal.

III SALÃO DE OUTONO DAS FABRICAS ALELUIA

Foi inaugurado ontem, e estará patente ao público, até 28 do mês em curso, o III Salão de Outono *promovido pela Acção Cultural das Fábricas Aleluia.*

O valioso certame, que se realiza no vasto salão de festas daquela importante empresa, pode ser visitado todos os dias (excepto hoje e amanhã), das 18 às 19.30 horas, e das 21 às 23 horas.

NA «GALERIA BORGES»

Encerrou ontem a exposição Linguagem Plástica Juvenil, *que despertou grande interesse entre as camadas jovens. Recorda-se que esta foi a terceira exposição do género efectuada em Aveiro: as anteriores efectuaram-se por iniciativa do Cine-Clube, no Clube dos Galitos, e da Fundação Calouste Gulbenkian, no Museu.*

A partir de hoje, e até 4 de Dezembro, apresenta trabalhos de sua autoria ao público aveirense, na «Galeria Borges», o jovem artista Ruy Fervá, do Círculo de Artes Plásticas da Associação Académica de Coimbra.

Ruy Fervá expôs em Coimbra (1962) e Porto (1963); este ano, já efectuou exposições em Coimbra, Nazaré e Figueira da Foz.

Pela Capitania

MOVIMENTO DO PORTO

* Em 3, procedentes de Lisboa, demandaram a barra os navios portugueses «Maria Cristina» e «Sacor».

* Em 4, sairam com destino a Lisboa e Kirkcaldy, respectivamente, o navio português «Sacor» e o navio holandês «Majorca».

* Em 5, saiu para Lisboa, o navio português «Maria Cristina».

* Em 6, vindo de Viana do Castelo, entrou a barra o navio português «Santa Maria Manuela».

* Em 8, procedentes de Lisboa e Safi, respectivamente, demandaram a barra os navios portugueses «Maria Cristina e «São Silvano».

* Em 11, procedentes da Figueira da Foz, demandaram a barra o rebocador «Engenheiro Von Hafe» e o batelão «5-C» e saiu, para Lisboa o navio português «Maria Cristina».

* Em 14, vindos da Terra Nova, entraram a barra os arrastões portugueses «São Gonçalinho» e «Rio Alfusqueiro». Procedente de Lisboa, entrou o navio português «Maria Cristina», tendo saido para Leixões e Lisboa, respectivamente, os navios portugueses «Engenheiro Von Hafe» e «São Silvano».

* Em 15, vindos da Terra Nova, entraram a barra os arrastões portugueses «Santa Joana» e «Santo André».

* Em 16, procedentes da Terra Nova, demandaram a barra os arrastões portugueses «Santa Mafalda» e «Santa Princesa».

Pelo Hospital

SERVIÇO DE CITODIAGNÓSTICO

A benemerente Fundação Calouste Gulbenkian, a muitos titulos credora dos gerais agradecimentos de Aveiro (e do País), acaba de fazer uma importante dotação de 120 contos à Santa Casa da Misericórdia, para se criar no Hospital de Santa Joana o novo Serviço de Citodiagnóstico, que muito virá melhorar aquela instituição de assistência.

CORTEJO DE OFERENDAS

Continuam, activamente, os trabalhos preparatórios do Cortejo de Oferendas, marcado para 29 do mês em curso, registando-se geral compreensão e viva simpatia por um empreendimento de tão largo alcance humanitário.

As Juntas de Freguesia, por intermédio das comissões dos respectivos lugares, empenham-se na recolha de donativos; e, de igual forma, as comissões das várias zonas da cidade têm encontrado as melhores boas-vontades e o carinho dos aveirenses.

Entretanto, à Comissão Central do Cortejo, têm também chegado notícias de terem sido subscritos importantes donativos para aquela jornada em favor do Hospital de Santa Joana. Salientamos: um donativo de 50 contos, da Companhia Portuguesa de Celulose; um subsídio de 20 contos, da Direcção Geral de Assistência (por intermédio do Fundo do Socorro Social); a oferta de 20 contos (em diverso material de seu fabrico), das Fábricas Aleluia; a importância de 17 contos, apurados no «Baile da Boa-Vontade» realizado no pretérito sábado; e as verbas de 5 contos, da firma «Dankal», 2 contos, dos Lacticnios de Aveiro, e de 6 contos (parte de uma subscrição entre os médicos que, gratuitamente, prestam serviço no Hospital).

VISITA DO CHEFE DO DISTRITO

O sr. Dr. Manuel Louzada, Governador Civil de Aveiro, visitou o Hospital de Santa Joana no último sábado, dia 14.

O Chefe do Distrito percorreu todas as instalações, com muito interesse, acompanhado pelo Provedor da Santa Casa e demais membros da Mesa Administrativa, Direcção do Corpo Clínico e Irmã Superiora.

Durante a visita, ventilou-se a ideia da instalação de um novo hospital na cidade — problema que importa resolver a bem do prestígio da instituição, da sua eficiência e das crescentes necessidades de Aveiro.

PASSAGEM DE MODELOS

O *Atelier J. Portugal* vai realizar nova passagem de modelos de alta costura, no dia 4 de Dezembro, pelas 17 horas, no Teatro Aveirense.

A receito que venha a apurar-se destina-se à Colónia de Férias das crianças pobres da cidade.

As entradas custam 20$00 e as marcações de mesa 10$00 — podendo a sua reserva ser feita pelos telefones 23388 e 22206 ou directamente no *Atelier J. Portugal.*

A conferência de Tomás Alcaide

Continuação da primeira página

tuno, sendo-nos hoje muito grato acrescentar que a iniciativa terá também o patrocínio do CONSERVATÓRIO REGIONAL DE AVEIRO.

Assim se verifica mais uma vez, que o Conservatório aparece louvàvelmente ligado a todos os empreendimentos susceptíveis de dilatar a cultura musical dos aveirenses.

A conferência realizar-se-á no Salão Nobre do Teatro Aveirense, podendo os convites ser desde já procurados na Redacção do *Litoral.*

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Primeiro Cartório

Certifica-se, para efeitos de publicação, que por escritura de vinte e quatro de Outubro de mil novecentos sessenta e quatro, lavrada de folhas quarenta e seis, verso, a folhas quarenta e oito, verso, do livro número cento trinta e um - B - para escrituras diversas do arquivo deste Cartório Notarial de Aveiro, a cargo do Notário Licenciado Joaquim Tavares da Silveira, foi constituida uma sociedade entre *Francisco Lopes de Oliveira, António Batista e José de Oliveira Matos*, nos termos dos artigos seguintes:

1.º

Esta sociedade adopta a denominação de «AUTO ESPERANÇA DE AVEIRO, LIMITADA»; e fica com a sua sede nesta cidade de Aveiro, à Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, números duzentos e trinta e oito, e duzentos e quarenta;

2.º

A sua duração é por tempo indeterminado, a contar de hoje;

3.º

O seu objecto é o comércio de automóveis, nacionais e estrangeiros, pertences e análogos; e poderá ser ainda outro, que resolva explorar;

4.º

O capital social é do montante de noventa mil escudos, — dividido em três quotas de trinta mil escudos cada uma, subscritas uma por cada um deles três outorgantes - sócios; e acha-se todo realizado já, em dinheiro;

5.º

Todos os sócios são gerentes, e a gerência é dispensada de prestar caução; porém, para obrigar a sociedade, é necessária a assinatura de dois gerentes, um dos quais será sempre o sócio António Batista;

6.º

Salvo os casos para que a Lei exija outros requisitos, as Assembleias Gerais serão convocadas apenas por cartas registadas, com oito dias de antecedência;

7.º

Na cessão de quotas a estranhos, a sociedade terá sempre o direito de preferência, — salvo se a cessão for feita a favor de esposa ou filhos do sócio cedente;

8.º

Os sócios serão preferidos a quaisquer outras pessoas para empregados ou prestar todos os serviços necessários da sociedade; e, nesta ordem de ideias, desde já ficam ao serviço da Sociedade os sócios António Batista e José de Oliveira Matos, com as remunerações iniciais de dois mil e quinhentos escudos aquele e dois mil escudos este, mensalmente, — que a sociedade poderá vir a aumentar, mediante deliberação.

E' certidão de teor parcial, que fiz extrair e vai conforme ao original a que me reporto.

Na parte omitida, nada há que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita a que me reparto.

Aveiro, Secretaria Notarial, aos trinta e um dias de Outubro de mil novecentos esessenta e quatro.

O Ajudante da Secretaria

Celestino de Almeida Ferreira Pires

SECRETA... JUDICIAL

Coman... Aveiro

A... io

1.ª ...ção

Faz-se ... que no dia 9 de Dezem... próximo, pelas 11 hora... Palácio da Justiça de... omarca de Aveiro e n... tos de Execução Sum... que o exequente Ma... Migueis Júnior, casa... comerciante, de Azurva... a comarca move con... executado Manuel Ta... Garrido, casado, com... te, de Esgueira, c... rrem seus termos pe... Secção do primeiro J... ta comarca, vai ser p... praça, para ser arrema... ela primeira vez, e pel... preço oferecido aci... valor indicado no p... o, um frigorífico da ... lectrolux.

Aveiro, ... Novembro de 1964.

O J... ireito,

Alcides ... Sequeira

Verifiquei:

O Esc... Direito,

Silvino A... Villa Nova

Litoral ★ N.º ... iro, 21-11-1964

Homenagem à memória do Dr. Soares Machado

Continuação da primeira página

dante António Manuel Pinto Soares Machado, neto daquele distinto e saudoso médico aveirense.

Usou ainda da palavra o sr. professor José Duarte Simão. Do seu discurso, reproduzimos as seguintes e expressivas passagens:

...Eu firmemente creio que há qualquer coisa de misteriosamente imponderável, de onde irradia aquele fluxo de uma **justiça imanente**, — quer provenha do alto, ou da profundeza das almas, ou do mais recondito das consciências, — a qual, cedo ou tarde, mas no momento azado, na ocasião propícia, há-de surgir desperta, a dar merecida recompensa, em reconhecimento de todos os sacrifícios e dedicações.

É por isso que vale sempre a pena proceder na vida com toda a nobreza e aprumo, e que nunca será em vão o sacrifício de quem-quer-que-seja, em prol do bem comum ou a benefício da colectividade.

A gratidão nunca foi uma palavra vã; e, se não todos, a grande maioria dos mortais nunca deixa de reconhecer o valor dos homens, mormente daqueles que em muito excederam a craveira comum. E, quando esses grandes homens, ao transporem o limiar da eternidade, deixam atrás de si uma obra meritória que transcende os limites da vulgaridade; uma irradiação de simpatia que se transmuda em respeito colectivo; um nome que se projecta para além da morte, a impor-se à admiração das gentes, — toda a gratidão brota espontânea e se manifesta a toda a hora, o reconhecimento vive perenemente a dentro das almas, e as homenagens surgem, de improviso, dos corações agradecidos.

Tal é o caso presente, em que a Direcção da «Gota de Leite», com toda a espontaneidade, sem artifícios a pretender fundamentar um acto de justiça, e antes a cumprir um dever de civismo e a reafirmar o indesmentível merecimento, — promove esta homenagem ao principal fundador desta obra, no primeiro aniversário do seu falecimento, que agora decorre.

Na verdade, é já transcorrido um ano sobre aquele dia fatal em que se finou o Dr. Machado. Parece que foi ontem, tão presente se mantém ainda aquela onda de amarfanhadora tristeza, o pesar enorme que o seu passamento causou na população da cidade e redondezas. Mas o calendário não mente; e, de facto, já lá vai um ano que **Ele** morreu. Todavia, o seu espírito mantém-se vivo e sempre presente, na alma e no pensamento de quantos se acostumaram a sentir e admirar aquela soberba estrutura moral, daquela coorte de familiares e amigos que o choram e lamentam a sua perda, mas para os quais continua vivo, na ara votiva da perseverante lembrança e da imarcessível saudade.

E essa saudade e lembrança traduzem-se em homenagem permanente, a testemunhar o preito e veneração por aqueles que atravessaram a vida nimbados de uma aura de singular prestígio, que os acompanhou até à hora derradeira, e se prolonga para além da morte.

*

Muito haveria a dizer sobre a personalidade do Dr. Alberto Soares Machado, na hora presente desta sessão evocativa, em que se exalta a sua memória.

Por ocasião do seu falecimento, escrevi, para o «Litoral», um artigo de necrológio, focando, em palavras simples, mas repassadas de sinceridade, os traços mais salientes do seu perfil de eleição.

Tudo quanto então escrevi teria cabimento nesta hora de sublime evocação; mas, não creio indispensável repetir o que ali foi dito, e a que pouco terei de acrescentar.

Como homem, o Dr. Alberto Machado era e foi sempre — **um bom.** Modesto e comunicativo e duma afabilidade cativante, irradiava à sua volta tais primores de simpatia e cordialidade, que cada conhecimento redundava num amigo, de que não mais se desprendia.

Leal e franco, tinha no mais alto conceito o culto das amizades, e era esta uma das facetas mais características da sua personalidade. Por isso deixou aquela coorte infindável de amigos tão sinceros e devotados, que hão-de continuar, por largo tempo ainda, a chorar e lamentar a sua perda irreparável.

Como médico, também a sua acção nobre e meritória era e foi sobejamente conhecida, pois não foram poucos os que usufruiram os primores da sua competência profissional, e, principalmente, do seu grande carinho e dedicação.

Embora seja hoje um debatido **lugar comum,** a ele se deve aplicar, mas com toda a justeza e propriedade, aquela legenda bem conhecida de que **«fazia da profissão um verdadeiro sacerdócio»**, nunca regateando os recursos do seu ministério **onde, como e quando fosse e a quem-quer-que-fosse,** e com tal devotamento e desvelo, que inspirava inteira confiança a quantos a ele recorriam.

Há-de haver, — e há, certamente, — tantos médicos desvelados pelos seus doentes, prodigalizando a estes os cuidados e dedicação que eram timbre do Dr. Machado; suplantá-los, porém, é que não será tarefa de fácil realização.

É que este homem, e este médico, possuía como que um dom nato, um segredo intimo de minimizar os sofrimentos alheios, como que a insuflar ânimo e conforto com a sua presença amiga, e aquela bonomia natural que transparecia das suas palavras francas, e naquele rosto sereno e risonho, que era espelho de grande bondade.

E não era o interesse material que o movia ou a busca de vultosos proventos; antes exercia a medicina como se fora uma obrigação imposta por um arreigado instinto de amor do próximo, e mais por devoção, do que na expectativa de recompensa material.

E a verdade é que, a uma grande parte da clientela que fartamente lhe enchia o consultório, não cobrava quaisquer honorários, e antes facultava auxílio material a muitos, quer distribuindo remédios, quer, até, alguma parte dos seus proventos. Pode dizer-se afoitamente que era um verdadeiro médico dos pobres, sempre acompanhado pelo coro de bênçãos dos necessitados ou dos menos favorecidos, sobretudo das classes modestas do nosso bairro da Beira-Mar.

E porque vem bem a propósito, não deixo de referir aqui uma ligeira passagem do que escrevi no artigo do «Litoral» a que me referi há pouco. Entre outras coisas, dizia eu:

«...e nas suas palavras animadoras, o sorriso de mistura com a bondade, sentia o doente um refrigério para os seus males e as mais fundamentadas esperanças, como que sugestionado por aquela força misteriosa que se evola e é dom dos predestinados. E, se o doente era pobre, quantas e quantas vezes, a par da receita, ficava, em segredo e sem alardes, a espórtula quantiosa, para suprir, e mesmo superar, os gastos da farmácia.»

*

Mas, continuando, direi ainda que, de há muito, o Dr. Machado conhecia o seu precário estado de saúde, o qual se não compadecia com o esforço que vinha dispendendo em prol dos seus doentes.

Apesar disso, nunca hesitou na sua longa caminhada de sacrifício, embora conscientemente sabendo que, dia a dia, mais cavava a sua própria ruína física. E nunca, naquele rosto sereno, e ante o sofrimento alheio, deixou transparecer o menor vislumbre de sofrimento ou contracção junto dos seus doentes, — ele, que se sabia gravemente doente.

Assim, pode peremptòriamente afirmar-se que tombou no seu posto de combate, sacrificando a saúde e a própria vida a debelar os males e sofrimentos que punham em risco a vida e saúde dos seus semelhantes.

Tal era a elevada estatura moral deste homem a quem, nesta hora, rendemos preito e homenagem, e que, vai passado um ano, a morte arrebatou ao nosso convívio.

Morto, sim, na sua estrutura física, — mísero barro ou matéria da fraca condição humana; — mas continua vivo ainda, na perenidade da nossa lembrança, a transmitir o hábito benfasejo que se desprendia da sua presença. É que, verdadeiramente, não morrem os predestinados da sua estirpe: — como eu já disse algures, — «são mortos sempre presentes, que vivem na alma das gentes, por tudo quanto fizeram.»

*

...Guardei, para o final, algumas referências a esta grande obra de assistência materno-infantil, que é a **«Gota de Leite»**, e a que não fiz qualquer alusão no meu citado artigo do «Litoral», por carência de espaço, pois era já bastante o que tinha escrito. É oportuno fazê-lo agora, pois se trata de uma obra que ficou a dever-se à grandeza de alma do Dr. Alberto Machado, que foi o seu principal fundador.

Teve, é certo, a apoiar a sua iniciativa, a colaboração valiosíssima, além de outros, de dois prestimosos e dedicados amigos: — o Dr. Toscano Sampaio, seu concunhado, e o sr. Visconde da Granja, António Barreto Ferraz Saccheti, ao tempo fixados em Aveiro, os quais, imbuídos daquele entusiasmo que o Dr. Machado soube insuflar-lhes, tão bem compreenderam o elevado alcance de uma instituição de assistência infantil e maternal. Mas foi **Ele**, marcadamente, a **Alma Mater**, a pedra angular em que assentaram os fundamentos da «Gota de Leite».

Assisti, por assim dizer, ao seu nascimento, tendo até escrito algumas notas, no antigo semanário local — «O Debate» —, enaltecendo a Obra, e noticiando a sua criação.

Quando se inaugurou, teve o apadrinhamento do grande pensador aveirense, aquela boa alma que foi o Dr. Jaime de Magalhães Lima, o qual então produziu e proferiu uma oração sublime, verdadeiro cântico em louvor da Instituição nascente, e dos seus fundadores, hino maravilhoso à caridade cristã, e de que se fez uma edição especial, largamente espalhada. Abria, até, com um pensamento de elevada concepção, e que foi, por assim dizer, o lema sugestivo deste «Lactário e Dispensário de higiene maternal e infantil».

Rezava assim: — «**Servir a criança é servir a Beleza, e a Força e a Divindade. Descurá-la, é atraiçoar a Deus e ao Mundo, secar a Fonte da vida das gerações, — deserdá-las do cavador que lhes cria o pão, e do soldado que lhes guarda o lar, e da piedade que lhes dá o ânimo.**»

Pois bem: o Dr. Alberto Machado, além de quanto atrás ficou dito, **serviu a criança,** com dedicação magnânima, fundando este Lactário e Dispensário para assistência aos recém-nascidos, a carecer de especiais cuidados, sem os quais o índice de mortalidade infantil atingia cifras assustadoras.

Mas, se uma boa parte deles não fosse pasto da morte, iríamos contar com uma legião infindável de depauperados fisicamente, à míngua de elementares meios de defesa, tanto para as pobres criancinhas, como para as próprias mães.

Por um lado, as dificiências alimentares, sobretudo nas classes menos favorecidas, eram factores desse depauperamento com a consequente super-abundância de seres raquíticos ou escassamente desenvolvidos; por outro lado, as doenças características da infância, congénitas umas, ocasionais outras, e com a ausência quase total de uma assistência médica oportuna e eficaz, tão necessária como os alimentos, — tudo se conjugava para um desbaste tremendo, nos indivíduos das primeiras idades.

E foi para entravar a marcha desse depauperamento ou mortalidade, que surgiu esta magnífica obra assistencial, sob o impulso do Dr. Machado, pondo todo o entusiasmo do seu coração magnânimo ao serviço da criança e das mães, para segurança e defesa das gerações novas.

E, quer suprindo as deficiências alimentares de muitos recém-nascidos, quer ainda, e principalmente, pondo ao serviço desta cruzada sublime de bem-fazer toda a sua competência e dedicação profissionais, o espectro da mortalidade e depauperamento infantil foi atacado nos seus fundamentos, de forma a conseguir extirpar, ou, pelo menos, atenuar este verdadeiro cancro social.

E, mercê da sua abnegada actuação, e da colaboração devotada dos seus colegas médicos, que, por ele chamados a tão grandiosa obra, não lhe regatearam o seu meritório concurso, — **toda a infância necessitada** passou a usufruir uma assistência médica conveniente, naquela idade melindrosa em que os organismos frágeis estão sujeitos a perigos constantes, quando votados ao ostracismo.

E, assim como um pai amantíssimo, que procura, a toda a hora, defender a saúde e o desenvolvimento normal dos seus filhos, assim, também, este homem e médico se comportava como um verdadeiro pai da infância desprotegida, prodigalizando amparo e cuidados a tantos seres indefesos, e com tal carinho e solicitude, que, — quantas vezes — sacrificava o indispensável repouso, e até a própria saúde e vida, a velar pela defesa da vida e saúde de tantos centenares de filhos adoptivos», na tentativa do seu desenvolvimento integral e robustez física.

Serviu, pois, a criança, com toda a plenitude da sua magnânima vontade, no que ela se revestia de devotamento pelo bem **comum.**

E, servindo a criança, serviu a beleza, pois são as crianças as flores mais belas da nossa vida afectiva, verdadeiros **botões de rosa** a florir para a luz neste simbolismo singular a que chamamos «jardim da infância», como um verdadeiro oásis de maravilha, neste complexo de tantas atribulações que é a vida quotidiana, feita de dores e canseiras, agruras e desalentos, misto de sorrisos e desesperos, mas à qual a alacridade infantil empresta um halo de luminosidade bendita, um arco-iris de fé e consoladora esperança.

É que as crianças, botões floridos a expandir suavidade e candura, foram e hão-de ser sempre o enlevo das famílias e dos mais velhos, poderosa alavanca da alegria e bem-estar e paz dos lares. E é esta Beleza, fonte perene de alegrias e arroubamentos, que merece ser difundida, — muitas vezes embora, à custa do sacrifício e dedicação das almas bem formadas, de que o Dr. Soares Machado foi exemplo vivo.

E também serviu a **Força,** pela obra assistencial post-natalidade a que desinteressadamente se votou.

É que, defendendo a saúde das criancinhas, procurando dar robustez à sua delicada compleição física, elas seriam, no futuro, elementos válidos a enriquecer o capital humano da Nação, aptos a realizar trabalho útil em prol da colectividade. E, assim, ver-se-ia constantemente aumentado o cabedal de **«Força»**, que é fulcro do progresso e riqueza dos povos, factor do desenvolvimento económico e bem-estar colectivo, — **Força** que é dinamismo actuante, base de toda a segurança, e engrandecimento e manutenção das nacionalidades.

E, finalmente, sobre servir a criança, também serviu a Divindade. E serviu-a, porque, sendo as crianças a obra mais grata e perfeita da criação divina, tudo quanto por elas se faça há-de ser tomado em conta pelo **Supremo Criador** de todas as coisas; e Ele não deixará, por certo, de atribuir as compensações devidas aos que saibam proteger e desenvolver a sua obra mais maravilhosa. E no inextricável «Livro do Destino», registo misterioso dos fatais desígnios da **Providência,** hão-de ser lançadas, em crédito firme e valioso, todas as atenções dispensadas àqueles **pequeninos seres,** que se encaminham hesitantes para a vida e para serviço da mesma divindade: — crédito que irá servir de contra-partida aos defeitos e faltas cometidas contra as determinações do **Criador.**

E desta maneira, o Dr. Alberto Machado, **servindo a Criança, e a Beleza, e a Força, e a Divindade,** — deu novos fluxos à «Fonte da vida das gerações», com tantas vidas que soube defender.

*

E para concluir:

O Dr. Alberto Machado já não pertence ao número dos vivos; mas continuará perpètuamente no pensamento e na saudade de quantos com ele privaram, daquelas gerações que puderam avaliar toda a sua grandeza moral.

Vive em espírito, adejando à nossa volta, e aqui dentro, sente-se aquele fluido misterioso que dele se desprende, e domina e acalenta pela força dinamizadora do seu nobre exemplo. Dele estão impregnados todos os recantos desta casa, que nasceu e viveu com ele.

E, se é verdade que os mortos mandam através do seu espírito, ele aponta e ordena aos presentes e vindouros, a continuidade desta Obra, património soberbo legado às gentes da sua terra adoptiva.

À frente dos destinos desta instituição estão **homens de fé** e grandeza de alma, que são a garantia da sua manutenção e desenvolvimento. Podeis confiar neles. E, mercê da sua dedicação, e do carinho e amparo de todos, e do **prestimoso e merecido apoio oficial das autarquias,** ela há-de continuar e progredir. E, se assim for, — e há-de ser, por certo! —, crêde-me: — será esta a mais bela, mais nobre e mais grandiosa das homenagens prestadas à memória do querido finado, e, sem dúvida, — a mais grata ao seu espírito subtil aqui sempre **Presente.**

Por último, o sr. Dr. Manuel Louzada, encerrando a sessão, referiu que durante mais de dezena e meia de anos mantivera relações de amizade com o sr. Dr. Alberto Soares Machado, podendo assim apreciar as suas qualidades de eleição e trocar, repetidas vezes, impressões sobre problemas assistênciais da cidade e do distrito — colhendo sempre proveitosas informações e sugestões, ditadas pela profunda experiência, pela lucidez de espírito e pela permanente dedicação do sr. Dr. Soares Machado à resolução de quanto se relacionasse com os pobres e com os doentes.

Referindo-se, a concluir, à «Gota de Leite», desveladamente criada e mantida com o esforço e o entusiástico espírito de bem-fazer do preiteado, o Chefe do Distrito disse que a instituição, com a devoção dos seus actuais dirigentes, terá de prosseguir a sua acção benemerente, prestando assim a maior e mais significativa homenagem ao seu fundador. E o sr. Dr. Manuel Louzada finalizou dirigindo cumprimentos à sr.ª D. Delminda da Cunha Soares Machado, viúva do ilustre e saudoso médico evocado naquele justíssimo preito promovido pela «Gota de Leite», e aos restantes membros da sua família ali presentes.

SECRETARIA JUDICIAL
Comarca de Aveiro

Anúncio

1.ª Publicação

Faz-se público que no dia 14 de Dezembro próximo, pelas 10 horas, no Tribunal Judicial de Aveiro, na carta precatória vinda da comarca de Vagos e extraída dos autos de Acção Especial de Divisão de Coisa Comum, em que são autores José Grave e mulher Ermelinda da Conceição, de Vagos, e réus Maria da Luz da Conceição, de Cantanhede, João Custódio e mulher Helena da Apresentação, da Rua Santo Ireneu, 272, São Paulo — Brasil; Manuel da Graça dos Santos e mulher Maria da Nazaré de Jesus, ela da Vigia, de Vagos e ele residente em Este 10 Edifício El-Aguila, Apartado 104 - El Conde — Caracas-Venezuela; João Custódio Caetano, solteiro, agricultor, da Rua Direita, de Vagos; Matias João Custódio e Mulher Glória da Silva Dionízio, ela da Rua do Carril, de Vagos e ele ausente em parte incerta de São Paulo; Rosalina da Cruz, solteira, maior, da Rua Direita de Vagos; João António Novo, casado, proprietário, de Lombomeão, de Vagos, hão de ser postos em praça, pela primeira vez para serem arrematados ao maior lanço oferecido acima do valor que se indica, os seguintes prédios:

1.º

UMA PRAIA, sita na Praia Velha, limite da Gafanha da Boavista, de Ilhavo, desta comarca, a partir do Norte com vários, Sul com Joana de Jesus Santiago, Nascente com José das Neves Santo e do Poente com caminho de partes, descrita na conservatória sob o n.º 43813, a folhas 199 do livro B-114 e inscrita na matriz no art.º 10341. Vai à praça pelo valor de 25636$50.

2.º

UMA PRAIA, no mesmo sítio da Praia Velha, limite da Gafanha da Boavista, de Ilhavo, a confinar do Norte com João Simões, Sul com vala real, Nascente com caminho público e Poente com caminho de partes, descrita na conservatória sob o n.º 43812, o fls. 198 verso do livro B-114 e inscrita na matriz no art.º 10336. Vai à praça no valor de 8262$00.

Aveiro, 11 de Novembro de 1964.

O Juiz de Direito,
Francisco Xavier de Moraes Sarmento

O Escrivão de Direito,
Armando Rodrigues Ferreira

SECRETARIA JUDICIAL
Comarca de Aveiro

Anúncio

2.ª Publicação

Faz-se saber que pela 2.ª Secção do 1.º Juizo desta Comarca de Aveiro, correm éditos de 20 dias, contados da 2.ª e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos dos executados Silvério da Costa Ramos e mulher Celeste de Jesus Barbosa e Pompeu da Costa Ramos, solteiro, maior, ausentes em parte incerta da França com o último domicílio conhecido no lugar de Mataduços, da freguesia de Esgueira, desta Comarca, com excepção daquela Celeste de Jesus Barbosa, que é moradora no referido lugar de Mataduços, para no prazo de dez dias, posterior ao dos éditos, deduzirem, querendo, os seus direitos na Execução de Sentença que contra os ditos executados move António Ramos Bartolomeu, casado, empregado de escritório, morador em Bonsucesso da freguesia de Aradas, desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Aveiro, 9 de Novembro de 1964

O Escrivão de Direito,
Alcides Viriato Sequeira

Verifiquei:
O Juiz de Direito,
Silvino Alberto Villa Nova

Litoral ★ N.º 524 ★ Aveiro, 21-11-64

SECRETARIA JUDICIAL
Comarca de Aveiro

Anúncio

2.ª Publicação

Faz-se saber que pela 2.ª Secção de Processos do 1.º Juizo da Comarca de Aveiro, correm éditos de 30 dias, a contar da segunda e ultima publicação deste anuncio citando o interessado Manuel António Santana, solteiro, maior, ausente em parte incerta dos Estados Unidos da América do Norte, que teve o seu ultimo domicilio conhecido no lugar da Légua, da freguesia de Ilhavo, desta comarca, para os termos do inventàrio facultativo a que se procede por óbito de Abel António Santana e mulher Maria Rosa Vau, que foram moradores em Ilhavo e em que é cabeça de casal Maria Ribas Santana, casada, doméstica, residente em Ilhavo.

Aveiro, 6 de Novembro de 1964.

O Escrivão de Direito,
Alcides Viriato Sequeira

Verifiquei:
O Juiz de Direito,
Silvino Alberto Villa Nova

Litoral ★ N.º 524 ★ Aveiro, 21-11-1964

Comarca de Vagos
SECRETARIA JUDICIAL

Anúncio

2.ª Publicação

No dia 26 de Novembro próximo, pelas 10 horas, no Tribunal Judicial da comarca de Vagos, se há-de proceder a arrematação em hasta pública nos autos de carta precatória vinda do 1.º Juizo de Aveiro, extraída da execução de sentença que a Firma Neves & Capote, Limitada, de Ilhavo, move contra João Evangelista de Miranda Laranjeira e mulher Maria Belmira de Miranda, ele industrial e ela doméstica, moradores em Mira, desta comarca, dos prédios a seguir indicados, os quais vão pela 1.ª vez à praça pelos seus valores matriciais corrigidos.

Prédios a arrematar

1.º

Casa de habitação sita na vila de Mira, descrita na Conservatória sob o n.º 13.584, a fls. 51 do L.º B-35, e inscrita na matriz no artigo 3.134, com o valor matricial corrigido de 38.880$00;

2.º

Terra de semeadura, sita na Santa Branca, limite de Portomar, de Mira, a confrontar do Norte com Inocêncio da Cruz Fernandes, do Sul com João Maria Marques Canudo, do Nascente com João Marques de Pinho e do Poente com João da Silva Palhais, não descrita na Conservatória, e inscrita na matriz no artigo 6.328, com o valor matricial corrigido de 3.456$00;

3.º

Terra de semeadura, sita na Corredia, limite de Mira, que parte do Norte com vala, do Sul com João Miranda Bernardo, Nascente com Manuel Simões Matias «O Paulete» e Poente com Etelvina Francisco Maltez, não descrita na Conservatória e inscrita na matriz no artigo 8.605, com o valor matricial corrigido de 1.440$00;

4.º

Terreno com pinheiros em criação, sito na Oleira de Cima, limite de Carromeu, de Mira, que parte do Norte com herdeiros de Octávio Moreira da Silva, do Sul com Manuel da Rocha Gabriel, nascente com Jose Inácio e Poente com Manuel da Rocha Jarro, não descrita na Conservatória e inscrita na matriz no artigo 25.112, com o valor matricial corrigido de 216$00;

5.º

Metade duma terra de semeadura, sita na Lagoa, de Mira, que parte do Norte com Manuel Jorge Rico e outro, Sul com vala, Nascente com caminho e outro e Poente com caminho, não descrita na Conservatória e inscrita na matriz no artigo 6.952, com o valor matricial corrigido correspondente de 6.960$00.

Deste prédio é comproprietário Mário Raposo, da vila de Vagos.

6.º

Um terço dum pinhal com árvores de fruto e cepas, sito nos Quintais de Mira, que parte do Norte com Tomé da Costa Pimentel, do Sul com Octávio Carlos Moreira da Silva (herdeiros) e outros, Nascente com herdeiros de David dos Santos Miranda e Poente com o caminho, não descrito na Conservatória e inscrito na matriz no artigo 9.012, com o valor matricial de 1.128$00.

São comproprietários deste prédio, João Augusto dos Santos Miranda, morador em Alpiarça; e Laurindo da Cruz Galo, de Mira, com um terço cada um.

7.º

Terra de semeadura, no sítio do Salão, que parte do Norte com herdeiros de Samuel de Oliveira Calisto, do Sul com Mannel Marques Maduro, Nascente com Manuel Marques Milheirão e do Poente com caminho, não descrita na Conservatória, e inscrita na matriz no artigo 10.361 com o valor matricial corrigido de 4.248$00.

Vagos, 26 de Outubro de 1964.

O Juiz de Direito,
João Manuel Ataíde das Neves

O Escrivão de Direito,
José Augusto Loureiro da Cruz

Litoral ★ N.º 524 ★ Aveiro, 21-11-964

A 20 anos da morte do
Comandante Rocha e Cunha

Continuação da primeira página

o sr. Dr. Manuel Rodrigues da Cruz — amigo que singularmente distinguia no seu apreço e no seu afecto e que aí está, na sua veneranda longevidade como um modelo de homem impoluível — e o rabiscador destas desenxabidas linhas de evocação.

O edifício da antiga Capitania, ali ao lado dos remoinhos da ponte da Dobadoura suscitou-lhe recordações de uma fase da sua vida, mais grata que as depois vividas até às cadeiras ministeriais; os canais da Ria proporcionaram-lhe o estímulo para discorrer sobre o nosso problema portuário, a que prestimosa e apaixonadamente se dedicara e que o levara a profundar, como ninguém em nenhum tempo, a história económica da sua terra. O seu próprio passado, a beleza da paisagem lagunar, o potencial de riqueza que se esboçava nas primícias de um porto a caminho de ressurgir; a recordação de uma denodada campanha iniciada, especialmente, com Alberto Souto, e prosseguida até ao auge do vigor, e do entusiasmo e do poder de persuasão, a par de Homem Cristo, essa inconfundível figura, em muitos aspectos antitética da sua e com quem pensava em comum muitos problemas, sucediam-se lógica e naturalmente. Calma e claramente encadeadas, num fim de tarde sem nuvens, ao cabo de um dia de plena acuidade intelectual, de excelente e imperturbada disposição de espírito, de comunicabilidade, porventura mais atraente e cativante que a costumada, seriam, essas recordações, esses pensamentos de esperança, esse rasgar de horizontes em face de um horizonte glorioso, de vermelho vivo como o sangue, seriam a insuspeitada despedida de Aveiro de um dos aveirenses que mais prestigiaram a sua terra e melhor a serviram...

Passaram vinte anos!... Se fosse ontem, talvez me não recordase melhor!...

Ao rememorar o Comandante Rocha e Cunha, a melhor recordação que posso trazer-lhe — creio bem — é algum trecho da sua própria prosa, ainda inédito. Publicar um pedaço da prosa ainda não divulgado é, de algum modo, ressuscitar o autor.

Veremos como argutamente apreciava os homens e os acontecimentos, e se não deixava iludir pela teatralidade das aparências postiças. O entrecortado excerto que damos de um extenso e interessantíssimo relato de viagem à África e ao Brasil, no qual notàvelmente fez sobressair o seu tacto diplomático e a sua cultura, dará, decerto, uma ideia do seu fino espírito a quem o não conheceu de perto, e fá-lo-á revivescer nos que lhe estimaram e admiraram o convívio distintíssimo.

Como comandante do cruzador «Carvalho Araújo», fora a Bolama para representar a Marinha Portuguesa na inauguração de um monumento à memória de cinco aviadores italianos que ali haviam perdido a vida, quando, sob o comando do general Italo Balbo, tentavam a travessia do Atlântico, para o Rio de Janeiro.

O famoso aviador e político do regime mussoliniano, morto depois em circunstâncias nunca incontroversamente explicadas, presidiu à larga e ostentosa representação de compatriotas seus que foram assistir à póstuma homenagem a essas vítimas da trágica e espectacular manifestação da arrogante expansividade fascista.

Não foram das mais lisongeiras as impressões que Balbo e a sua clique causaram no Comandante Rocha e Cunha, como do texto do seu relato flagrantemente ressalta. Noutras linhas traçadas por sua mão, confidenciava, porém, a um amigo que, se os notáveis do fascismo eram como o que acabara de conhecer, deixavam muito a desejar. E acrescentava: «Sabe com quem se parece Balbo? Desde que o vi tive a impresão de que se parecia com qualquer figura antipática da história contemporânea, mas a minha memória recusava-se a definão assistira ao jantar, apareceubordo do «Espéria» apareceu-me de súbito a figura. Balbo, que não assistira ao jartar, apareceu-me à despedida envergando camisa, calça e botas de mujik russo! Era Raspontine! E os rumores que passaram do «Espéria» para terra confirmaram a parecença».

...Mas eu, entre os mortos que não esqueço, conto sempre Rocha e Cunhz. E, mau grado as minhas humaníssimas fraquezas, espero que em qualquer outro momento não deixarei de o lembrar.

Eduardo Cerqueira

TRECHOS DO RELATO DE UMA MISSÃO A BOLAMA, EM DEZEMBRO DE 1931

/.../ «Fundeou o «Espéria» em Bolama e às 18-15 desembarcou a companhia de Marinha que devia prestar as honras militares na Residência do Governo, durante a recepção da Missão Italiana, bem como os Comandantes dos navios e todos os oficiais disponíveis.

O coronel da Aviação Italiana, que dirigiu em Bolama a construção do monumento, viera anunciar ao Governador que o General não poderia chegar à residência às 19-00 aprazada, e, tendo reparado na simplicidade dos uniformes portugueses, os da tabela para países quentes, declarou que S. Ex.ª se apresentaria de grande uniforme. Respondeu o Governador prontamente que os oficiais portugueses envergavam os uniformes regulamentares.

Entrou com pequena demora o General Balbo e a sua comitiva, trocaram-se as saudações e fizeram-se as apresentações das individualidades de maior categoria, entre as quais notei o Almirante Cuturi, Presidente da Liga Naval Italiana, o Presidente da Academia de Letras de Roma, e um antigo ministro da Instrução Pública. O general manifestou-me a sua particular satisfação por encontrar em Bolama dois navios da Marinha de Guerra Portuguesa, com expressões de muita consideração para esta e para o Almirante Gago Coutinho, de quem se declarou sincero amigo e admirador./.../

/.../ A inauguração do monumento foi fixada para as 07-00 da manhã do dia seguinte, hora sem dúvida matutina, mas que permitiria ao general dispor de tempo para realizar uma caçada ao hipopótamo, desporto que muito o interesava naquele momento. Ficou, assim, explicada a visita nocturna ao «Carvalho Araújo», não por simples fantasia de um realizador que concebe e executa imediatamente os seus projectos, mas por necessidade de empregar o tempo da sua curta permanência na Guiné, sem prejudicar os seus projectos cinegéticos.

Acabado o banquete, o General convidou o Governador, comandante, oficiciais e funcionários para o acompanharem para bordo do «Espéria» onde ia realizar-se a Missa da meia noite.

No «Espéria» paquete luxuoso, empregado em excursões marítimas, viajavam, além do general e da sua comitiva, algumas centenas de cavalheiros e senhoras, e não foi difícil reconhecer, no decorrer do breve convívio, que as atrairam mais as emoções da viagem a uma região africana interessante, às Canárias e a Lisboa, com conforto supérfluo, a preço convidativo, pois dois terços da despesa ficavam a cargo do Estado, do que a espiritualidade de uma romaria patriótica

O general tinha pensado que o amplo e luxuoso salão de jantar do paquete pudesse servir para a realização da Missa, mas o capelão opos hesitações tímidas e considerações decerto muito atendíveis; foi então escolhido o «deck» superior onde prontamente se armou o altar e se dispuseram as cadeiras. Notavam-se na assistência algumas damas da nobreza romana, simples, elegantes, de uma distinção tão natural como simpática que, com alguns cavalheiros, não muitos, seguiram o ritual católico. Durante o baile, depois da Missa, tive o prazer de conversar com o Almirante Cuturi, com o presidente da Academia de Letras e outras individualidades de destaque. O Almirante não regateou elogios à terra, cidade lusa, que se apegara durante quatro séculos a uma possessão insalubre, eliminadora da raça branca, densamente povoada por tribus insubmissas. Triunfara finalmente do clima e dos aborigenes e firmara um domínio pacífico e civilizador sobre um mosaico de raças guerreiras. Durante a aterragem do «Espéria», e viagem de Caió até Bolama, permanecera na ponte de navegação; a segurança, o golpe de vista, o sentimento de responsabilidade do prático negro mereceram o maior apreço.

/.../ O descerramento do (monumento) fez-se com o cerimonial de uso, tendo o general Balbo proferido um discurso abundante e imaginoso; o governador respondeu com palavras sóbrias e pos em relevo o espírito de cordialidade com que a colónia, teatro de tantos sacrifícios e heroísmos, se associava à homenagem prestada aos aviadores italianos. O general fez a chamada dos mortos, o destacamento de alunos da aviação italiana prestou as honras fúnebres, enquanto as forças da Marinha e do exército prestavam honras militares.

/.../ Fui a bordo do «Espéria» cumprimentar o General e o Almirante, o que ainda não pudera fazer; a sequência acelerada, imprimida ao protocolo pelos designios venatórios do general Balbo, apenas tinha permitido um descanso de duas horas. O General, com a sua habitual impetuosidade, já estava a caminho das proximidades de Buba em demanda dos hipopótamos; O Almirante tinha um parecer radiante e recebeu-me com cativante gentileza, recordando, em conversa franca e espirituosa, episódios das suas viagens a Portugal e ao Brasil.

/.../ Às 17-00, realizou-se na Residência do Governo, um chá dançante e tive então melhor oportunidade para apreciar a distinta convivência de algumas personalidades italianas e a diversidade de ideologias que, na ausência do General, nitidamente as separava em dois grupos bem definidos.

Às 21-00, realizou-se a bordo do «Espéria» o banquete para que tinham sido convidados o Governador, os Comandantes dos navios, oficiais de Marinha e do exército e funcionários de maior categoria.

A orquestra de bordo executou os hinos nacionais das duas nações e a «Giovanezza». A decoração magnífica, a luminosidade, a elegância e até a sumptuosidade de «toilletes», as fardas e casacas, a vibrante animação latina dos convivas, realizaram um ambiente de civilização requintada muito distante das coordenadas geográficas do lugar e da história de massacres, de morticínio, de sofrimento que nele se desenrolou até aos nossos dias. As conversas animadas continuaram nos salões; o Almirante, num grupo formado por algumas personalidades ilustres, discorria sobre a psicologia do povo russo e os seus enigmas com sagacidade, conhecimento do país especialmente instruído pelo facto de ser casado com uma senhora russa, apreciando a sua evolução política, a sua arte, o sentimento religioso, as forças morais em acção.

Seriam onze horas; surgiu um jóvem oficial e anunciou que Sua Ex.ª o general Balbo tinha chegado, e logo, como por encanto, esmoreceu toda a animação, e um sentimento de indefinível constrangimento dominou todos os espíritos. Correu também a nova de que S. Ex.ª praticara o feito de matar dois hipopótamos, e de que uma formosa e varonil senhora, que por muita simpatia o acompanhava, lograra ferir um terceiro. Infelizmente os animais tinham ficado submersos nas águas de uma lagoa, mas esperava-se que os seus cadáveres não deixariam de emergir para atestar o feito. O coro de louvores foi unânime e rematou a brilhante festa, a que não pudera assistir Madame Balbo que, desde a partida do general para a caça, presa de uma súbita indisposição, se encerrara na sua câmara.

O general Balbo, vestido com ampla blusa russa apertada com largo cinturão de couro, farto calção e bota alta, esperava-nos para lhe apresentarmos as nossas despedidas; cingindo-me amigàvelmente com o seu braço possante, e conversando com o Governador, impeliu-nos para o portaló.

O «Espéria» saiu do porto de Bolama às 09-15 do dia 26; à sua passagem pelo trarug dos dois navios de guerra foram prestadas as honras da ordenança.»

S. Rocha e Cunha

PROGNÓSTICO DO CONCURSO N.º 12 DO TOTOBOLA

29 de Novembro de 1964

N.º	EQUIPAS	1	X	2
1	Belenenses — Benfica			2
2	Braga — Porto			2
3	C. U. F. — Setubal		x	
4	Sporting — Guimarães	1		
5	Torriense — Lusitano	1		
6	Lamas — Sanjoanense	1		
7	Famalicão — Leço	1		
8	Marinhense — Peniche	1		
9	Boavista — Beira-Mar			2
10	Oliveirense — Covilhã	1		
11	Portimonense—Olhan.	1		
12	Beja — Sintrense		x	
13	Farense — Barreirense	1		

Continuação da última página

Basquetebol

em emoção o que de técnica lhe faltou. Assim mesmo, a partida foi agradável e concluiu com um triunfo merecido e certo da turma que mais e melhor lutou para o obter.

De entrada, os *alvi-rubros* denotaram mais personalidade, mais certeza nos lançamentos e mais serenidade: a equipa «respirava» confiança nos seus recursos e adiantou-se na marcação, chegando à vantagem de 8-2. Os esgueirenses reagiram, até 6-8, mas o Galitos aguentou-se no comando até ao empate de 12-12, sempre só com uma «cesta».

Seguiu-se uma fase, curta, de vantagens alternadas—13-12, 13-14, 15-14, e 15-16. E o Esgueira, passando depois para 17-16 e 19-16, jamais deixou de comandar a marcação.

O Galitos ficou perturbado, notòriamente, quando o Esgueira, no início da segunda parte, se adiantou para 25 18. Todavia, e mercê da exibição de Helder — o seu jogador mais em evidência — ainda chegou a uma derradeira situação de igualdade, a 25 pontos. Mas o Esgueira estava já encarreirado, de forma irresistível, para o triunfo e não se deixou impressionar: três «cestas» seguidas (31-25) foram margens com que os *verdes* puderam responder às tentativas dos seus antagonistas; e a diferença, mais adiante, foi até ampliada para 7 pontos (35-28) e para 8 pontos (40 32).

De anotar — comprovando os «nervos» dos jogadores das duas equipas — a elevada percentagem de lances-livres não transformados: o Esgueira, de 16, apenas converteu 3; e o Galitos, de 24, só concretizou 7.

Salientaram-se: nos vencedores, Ravara (que marcou primorosamente e anulou Vítor, (José Luís Pinho e Raul; e nos vencidos, Helder (como já se referiu) e ainda Pires (que realizou uma boa primeira parte e foi o «cestinha» da equipa, de forma um tanto surpreendente, mas que saiu cedo — 21-25 — com o limite de faltas).

A arbitragem foi imparcial e autoritária e bem conduzida. Discordamos do critério, severíssimo e um tudo-nada exagerado, usado para punir os contactos pessoais. Todavia, a uniformidade revelada pelos árbitros comprovou a sua isenção e relevou-os desse seu modo de actuar, talvez intencional para segurar o jogo.

AMONÍACO, 47 SANJOANENSE, 39

Jogo em Estarreja, sob arbitragem dos srs. Manuel Bastos e Aureliano Silva. As equipas apresentaram:

AMONÍACO — Necas 8-4, Ferreira 0-4, Ilídio 1-6, Arlindo 8-8 e Correia 0-8.

SANJOANENSE — Carlos Silva, Aureliano 2-2, Armando 2-2, Manuel Pinho 9-4, Ramalhosa 6-5, Alberto Costa 0-7 e Mário Vieira.

1.ª parte: 17-19. 2.ª parte: 30-20.

O jogo foi vincadamente equilibrado na metade inicial, em que se registaram igualdades a 4, 11, 13, 15 e 17 pontos – após vantagens da Sanjoanense (4-0) e do Amoníaco (10-4).

Na segunda parte, o equilíbrio manteve se apenas durante cinco minutos: e os estarrejenses, após 23-22, não mais tiveram dificuldades, mantendo-se sempre à cabeça da marcação.

FUTEBOL

Jogos para amanhã

Oliveira do Bairro - Valonguense
Espinho - Oliveirense
Feirense - Lamas
Ovarense - Cucujães

Juniores

Resultados da 7.ª jornada

Série A

Mealhada - Anadia 5-2
Beira-Mar - V. Alegre 3-0
Sanjoanense-B - Alba 1-4
Estarreja - Espinho 1-4
Ovarense - Recreio 2-3

Série B

Sanjoanense-A - Cucujães . . 5-1
Arrifanense - Feirense 1-2
S. João de Ver - P. Brandão . 0-0
Cesarense - Oliveirense . . . 0-2
Bustelo - Valecamb. 2-0

Jogos para amanhã

Anadia - Recreio
Vista Alegre - Mealhada
Alba - Beira-Mar
Espinho - Sanjoanense-B
Estarreja - Ovarense
Cucujães - Valecambrense
Feirense - Sanjoanense-A
P. de Brandão - Arrifanense
Oliveirense - S. João de Ver
Cesarense - Bustelo

Principiantes

Resultados da 2.ª jornada

Série A

Anadia - Beira-Mar 4-1
Recreio - Mealhada 7-0
Alba - Estarreja 2-0

Série B

Espinho - Valecambrense . . 3-0
Lamas - Bustelo 3-1
Oliveirense - Sanjoanense . . 1-1
Cucujães - Feirense 2-1

Jogos para amanhã:

Mealhada - Anadia
Beira-Mar - Ovarense
Estarreja - Recreio
Sanjoanense - Espinho
Valecambrense - Bustelo
Feirense - Oliveirense
Lamas - Cucujães

Coisas... do Desporto

do Desporto Nacional que, em vez de procurar soluções do interesse colectivo, se vai consumindo na maré dos caprichos e nas facções clubistas. Enchem-se páginas com os pensamentos dum Senhor Schawrtz, dum Senhor Luciano (que dizem sempre o mesmo) e as sentenças dognáticas do «caso Carlitos». Estes, sim, são os problemas do Desporto Nacional! Francamente, já metem nojo!

Francisco Dias

Totobolando

PROGNÓSTICO DO 1.º CONCURSO EXTRAORDINÁRIO

21 a 28 de Novembro de 1964

N.º	EQUIPAS	1	X	2
1	Dukla — Real Madrid	1		
2	Dinamo Bucareste — Inter		x	
3	Lokomotiv — Vasas	1		
4	Anderlecht — Liverpool	1		
5	Lausana — Slávia	1		
6	Saragoça — Dundee	1		
7	Sporting — Cardiff	1		
8	Munique — Porto	1		
9	Cardiff — Sporting			2
10	Celtic — Barcelona		x	
11	Manchester — Borússia		x	
12	Antuérpia — At. Bilbau	1		
13	Liège — Utrecht	1		

COISAS... do DESPORTO

APONTAMENTOS DE FRANCISCO DIAS

Os números que vieram a público, da receita do primeiro encontro que o Beira-Mar disputou no seu campo, com o Vila Real, foram bem elucidativos, na sua frieza; e, para além de fazerem gelar o entusiasmo do desportista bem intencionado, fazem-nos recordar que, na realidade, há muita coisa que não está bem no Desporto Nacional.

Parece incrível que, dos 12.435$00 da receita total do encontro o Beira-Mar arrecadasse apenas 3.448$80, sendo tudo o resto absorvido por encargos.

O imposto pago à Direcção Geral dos Espectáculos é atribuido sobre a lotação total do Estádio; e, assim, quer estejam no campo 100 ou 1.000, espectadores esse imposto é sempre o mesmo. No entanto, enquanto muitos clubes, alguns do nosso Distrito e também a disputarem a 2.ª Divisão do Campeonato Nacional, «conseguem» (?) pagar apenas 200$00, 300$00 ou 400$00 por cada encontro, o Beira-Mar paga presentemente mais de 3.000$00!

Parece-nos, no entanto, que é na raiz que se encontra o mal. O critério da aplicação do imposto é que nos parece menos certo, pois se todos os outros encargos — e tantos são — incidem sobre o número de bilhetes vendidos, por que não há-de o Direcção Geral dos Espectáculos seguir os mesmos princípios, muito mais lógicos e racionais? E se a maioria das colectividades são lesadas por estas e outras incoerências, por que é que não se há-de enfrentar a verdade e tentar pôr bem aquilo que todos sabemos que está mal?

Pobres dos clubes que vivem atrofiados com tantos problemas e com tantos encargos, e mal

Continua na página 7

BILHAR

Ficará hoje concluido o Torneio de Bilhar Inter-Sócios do Sport Clube Beira-Mar, organizado pela Tertúlia Beiramarense como número inaugural do programa comemorativo do 42.º aniversário da prestigiosa e popular colectividade aveirense.

Mais de espaço, no próximo número voltaremos a referir-nos à interessante competição — que decorreu com bastante interesse e muito animado — publicando os últimos resultados e as tabelas de pontuação finais.

Basquetebol

Campeonato Distrital de Aveiro

● A sexta jornada — primeira da segunda volta — veio trazernos novo guia isolado: o Illiabum. Os ilhavenses foram os únicos que confirmaram o êxito anterior, pelo que beneficiaram amplamente dos inêxitos do Galitos e da Sanjoanense, ficando sem companhia no comando. E o Sangalhos, que continua sem saber o que é o triunfo, mais apegado ficou à «lanterna-vermelha»...

Esgueira e Amoníaco lograram, nos seus recintos, desforras sobre Galitos e Sanjoanense, determinando que ambos — ao conhecerem a segunda derrota — fossem apeados da liderança. Os esgueirenses ficaram com possibilidades (embora diminutas) de poderem discutir a questão do apuramento e ordenação dos lugares da vanguarda...

● *Resultados do dia:*

Sangalhos-Illiabum . . 31-55
Amoníaco-Sanjoanense 47-39
Esgueira-Galitos . . . 41-37

● *A tabela da classificação ficou assim ordenada:*

	J.	V.	D.	Bolas	P.
Illiabum	6	5	1	282 228	16
Galitos	6	4	2	237 186	14
Sanjoanense	6	4	2	302-268	14
Esgueira	6	3	3	258-267	12
Amoníaco	6	2	4	222-264	10
Sangalhos	6	—	6	202-277	6

● *Esta noite, pelas 22 horas, teremos os seguintes desafios:*

Sanjoanen.-Sangalhos (52-41)
Illiabum-Esgueira (50-39)
Galitos-Amoníaco (38-24)

ESGUEIRA, 41 GALITOS, 37

Jogo no Campo da Alameda, em Esgueira, sob arbitragem dos srs. Albano Baptista e Manuel Gonçalves. Os grupos alinharam deste modo:

ESGUEIRA — Calisto 2-0, Ravara 2-2, Salviano 4-6, José Luís Pinho 8-8, Raul 0-4 e Mário.

GALITOS — Albertino 2-0, José Fino 4-2, Pires 10-0, José Luís 4-2, Vítor 0-4 e Helder 2-7.

1.ª parte: 19-18. 2.ª parte: 22-19.

(Os números que se indicam, no resultado da segunda parte e na marcação atribuída a Vítor — com reflexo, òbviamente, no *score* final, são os que se registam no boletim do encontro. Na verdade, porém, o Galitos alcançou mais um ponto, em lance livre que aquele seu jogador converteu mas que, por lapso, a mesa não registou).

Ao desafio, rehidamente e rijamente disputado, mas muito correcto, sobrou em entusiasmo e

Continua na página 7

SECÇÃO DIRIGIDA POR ANTÓNIO LEOPOLDO

DESPORTOS

FUTEBOL

Amanhã, recomeça o CAMPEONATO NACIONAL DA II DIVISÃO

Feita a pausa de um domingo, motivada pela realização dos jogos entre as selecções nacionais de Portugal e Espanha, recomeça amanhã a disputa dos campeonatos nacionais da I e II divisões, com os desafios correspondentes à sexta jornada.

Na II Divisão — Zona Norte — o calendário marca as seguintes partidas:

LAMAS — SALGUEIROS
SANJOANENSE — FAMALICÃO
LEÇA — ESPINHO
VILA REAL — MARINHENSE
PENICHE — BOAVISTA
BEIRA-MAR — OLIVEIRENSE
COVILHÃ — FEIRENSE

A jornada está cheia de atractivos, podendo afirmar-se que todos os jogos se rodeiam de grande interesse e enorme expectativa. Mas, no entanto, o sempre emocionante e apetecido Beira-Mar — Oliveirense deve ser colocado em posição destacada, tanto porque os contendores se encontram em igualdade de pontos, ocupando (com o Covilhã e o Boavista) o terceiro lugar da tabela, como ainda e muito principalmente — porque são tradicionalmente renhidos e arrasantes os derbies entre os velhos rivais aveirenses.

Sumário DISTRITAL

I Divisão

Resultados da 8.ª Jornada

Anadia - Lusitânia	0-3
Valecambrense - Cesarense	3-1
S. João de Ver - P. de Brandão	1-1
Bustelo - Alba	0-3
Cucujães - Esmoriz	0-2
Arrifanense - Ovarense	0-3
Estarreja - Recreio	1-2

Jogos para amanhã:

Anadia - Valecambrense
Cesarense - S. João de Ver
Paços de Brandão - Bustelo
Alba - Cucujães
Esmoriz - Arrifanense
Ovarense - Estarreja
Lusitânia - Recreio

Tabela da Classificação

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Valecambren.	8	8	0	0	25-11	24
Lusitânia	8	7	0	1	22- 5	22
Alba	8	6	0	2	21- 7	20
Recreio	8	6	0	2	19- 9	20
Ovarense	8	5	1	2	12- 5	19
P. de Brandão	8	3	2	3	14-15	16
Esmoriz	8	3	2	3	8-10	16
Bustelo	8	3	1	4	5- 9	15
Anadia	8	2	2	4	13-19	14
S João de Ver	8	1	4	3	6-10	14
Estarreja	8	1	3	4	10-16	13
Arrifanense	8	1	1	6	2-12	11
Cucujães	8	0	2	6	2-16	10
Cesarense	8	1	0	7	7-21	10

Reservas

Resultados da 3.ª Jornada

Série A

Foi adiado o jogo BEIRA-MAR - ALBA, que era o único marcado para domingo.

Série B

Lamas - Espinho	4-1
Ovarense - Feirense	1-2
Cucujães - Oliveirense	0-3

Classificações

Série A

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
O. do Bairro	2	1	1	0	4- 2	5
Beira-Mar	2	1	1	0	2- 1	5
Valonguense	1	0	0	1	0- 1	1
Alba	1	0	0	1	1- 3	1

Continua na página 7

XADREZ de NOTÍCIAS

Refeito já da lesão que o tem mantido afastado da equipa principal do Beira-Mar desde o jogo com o Vila Real, o avançado Miguel está apto a reaparecer amanhã, contra a Oliveirense.

O médio Pinho, após os necessários treinos de readaptação, tem recuperado excelentemente, depois da operação a que foi sujeito. Na próxima semana, Pinho deve treinar já com a bola.

Foi marcado para 1 de Dezembro o desafio Sanjoanense — Cesarense, da segunda jornada do Campeonato Distrital de Juniores, que se não concluiu em 11 de Outubro findo, como na altura se noticiou.

CARTA DE ANGOLA

Nosso colaborador fotográfico, antes de há cerca de dois anos ter fixado residência em Gabela (Angola), o aveirense António Galante Nunes escreveu-nos e enviou-nos a foto que hoje reproduzimos — justamente para nos dar notícia dos triunfos desportivos de um outro nosso conterrâneo, também radicado em Gabela, e (caso curioso!) igualmente colaborador da Secção Desportiva do Litoral: Fernando Valente.

É com o mais vivo aprazimento que registamos os êxitos do antigo e dedicadíssimo médio do Beira-Mar, um futebolista esclarecido e esforçado, que largas épocas fulgiu nas turmas dos negro-amarelos.

Depois de ter actuado em Gabela, Fernando Valente foi distinguido com um honroso convite para treinador da selecção daquela cidade, que disputa o Campeonato Distrital de Quanza Sul. Na foto, vemos Fernando Valente com os seus pupilos, depois do jogo em venceram por 6-0 a selecção da cidade de Novo Redondo.

Em 8 de Dezembro

Festa de EVARISTO

Em 8 do próximo mês de Dezembro, dia de feriado nacional, realiza-se no Estádio de Mário Duarte uma festa de homenagem ao voluntarioso e dedicado futebolista EVARISTO Miguel da Fonseca, actual *capitão* da turma de honra do Beira-Mar.

O programa, sem dúvida aliciante, engloba dois desafios susceptíveis de concitar o interesse do público. Efectivamente, teremos, a partir das 13 horas:

ALBA - FEIRENSE
BEIRA-MAR - SANJOANENSE